O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Ficmino de Vilhena

ANNO XLV | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 16 DE FEVEREIRO DE 1895 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:443

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Carta politica.—Transcripção importuna.—No nosso posto.—A cousa.—União vinicola e oleiocola do sul.—Documento official.—Noticias de Lourenço Marques.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Estarreja.—Noticiario.—Verdades.—As nossas cousas no Ultramar.—Informações economicas e financeiras.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Folhetim: Magdalena.—Communicado.—Secção agricola.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

CARTA POLITICA

LISBOA 15 DE FEVEREIRO DE 1895.

Em quanto o governo dá cabo do credito, levantando do banco de Portugal os titulos que teem cotação nos mercados europeus, e tomando para si toda a importancia da emissão fiduciaria auctorisada no recente contracto feito com o estabelecimento emissor, os industriaes vão reunindo e protestando contra a cobrança do imposto lançado pela dictadura aos que trabalham. Este duello de morte entre as forças productoras da nação e o poder executivo, parece ser do agrado da corôa, que liga tão pouca importancia ao que se passa no paiz, que o seu afan se revela nas caçadas em Mafra e em Villa Viçosa, não se importando com os clamores publicos, e consentindo que os seus ministros prosigam nos processos politicos, em vez de tomarem a serio as questões de administração.

Por isso as finanças estão cada vez em poor estado. Publicou-se ainda ha dias um decreto, approvando o orçamento que só é valido depois de obter a approvação das côrtes. Mas como o executivo supprimiu as côrtes, entenderam os ministros que cabia no seu alvedrio exigir do contribuinte o que elle só deve pagar depois da resolução tomada pelo poder legislativo. E como não ha lei, cessa a obrigação de pagar os impostos. E como não ha constituição, tambem a auctoridade real não existe. E como prevalece o arbitrio, os conselheiros d'el-rei deixaram de ser elemento de ordem, para se arvorarem em fautores da anarchia.

Em Lisboa os juizes das execuções fiscaes teem dado como improcedentes os embargos deduzidos nos respectivos processos. Era isso de esperar. São elles, os juizes, delegados do poder central e agentes da sua exclusiva confiança. Se sentenceassem d'outro modo, seriam transferidos e baldeados nas ilhas, o que para elles representava um enorme sacrificio. Assim abordoam se a expedientes de folego curto, allegando a sua incompetencia para decidir sobre a inconstitucionalidade do caso, e deixando este ponto de direito para o parlamento que o executivo encerrou para não ver discutidos os seus actos, tal era a sua fraqueza e a consciencia que tinha de haver prevaricado. Ora os juizes das execuções fiscaes podiam deixar de collocar-se em evidencia, pondo de parte os processos de 1894, para sentenciarem de preferencia os de 1893, 1892, 1891, 1890, 1889, e outros ainda mais antigos, pois é publico e notorio que os ha e em grande copia de annos mais atrazados. Mas preferiram os de 1894, em consequencia das instrucções dadas pelo governo, para que fossem julgados os que reagissem por os meios legaes contra os actos tumultuarios do executivo. E os juizes de direito que estão ao serviço das ambulancias prestaram-se a representar o indecoroso papel que lhes foi distribuido. D'este modo rebaixaram a magistratura judicial e arvoram-se em lictores dos impenitentes iconoclastas, que se exhibem como cariatides do throno, com quanto não se arvorassem tambem como defensores do altar.

O julgamento d'Anadia foi a bomba que arrebentou nos arraiaes ministeriaes. O que é ser magistrado inamovivel. Porque não procedendo o executivo dentro da constituição, as mais deliberações são irritas e nullas. Isto é axiomatico, embora as gazetas que recebem o santo e a senha do ministerio do reino venham com injurias e sarcasmos offender a independencia dos tribunaes, atirando pastas de lama á toga dos consules, que n'aquellas vaias dos escribleros assalariados, devem ver a propria condemnação. E se não veem, peor para elles, porque são cégos.

— Para salvar a monarchia da derrocada que lhe preparam os leaes conselheiros d'el-rei, houve quem se lembrasse de um plano engenhoso, que na conjunctura em que nos achamos poderia concorrer para ao menos salvar o principio. Aventure-se a probabilidade da abdicação do chefe do estado em seu filho primogenito, sob a regencia de sua mãe, a rainha D. Amelia. Esta sr.ª é na verdade simpathica, attribuindo-se-lhe geralmente as mais rectas intenções. Conhece ella a historia de sua familia, e sabe que por teimosia de seu bisavô, o ultimo rei dos francezes, é que seu pae, o conde de Paris, morren no exilio. A virtuosa princeza seria a mentora espiritual de seu filho, e seguiria em tudo os exemplos da rainha de Hespanha, que alli tem dado licções aos politicos mais abalisados. E sob tal egide, o novo reinado poderia assegurar ao paiz uma era de prosperidades, com quanto a maior difficuldade não esteja na abdicação, mas nas consequencias d'ella, visto que o sr. D. Carlos depois d'aquelle acto não poderia manter-se no paiz, e para sahir d'elle, qual seria a sua posição no seio da familia? Abandonal-a-hia, exilando-se voluntariamente? Faria como a rainha da Servia, indo viver longe do esposo e dos filhos? E como suportaria a rainha regente a separação?

Não era de crer que o rei entregasse de boa sombra aos cuidados da regencia as prerogativas da sua missão constitucional; mas tambem não se comprehende que queira retel-as para não as cumprir, revogando a carta.

O dilema é na verdade esmagador. Se abdica voluntariamente, que situação fica sendo a sua dentro da propria familia? Se, porém, reage contra a opinião do paiz, a força dos acontecimentos impor-lhe-ha a abdicação, e então em circumstancias muito mais precarias, podendo acontecer que a realeza já não tenha prestigio para que a successão seja acceite pelo povo. Este é o escolho, que parece irreductivel, por quanto poucas são as abdicações que em casos extremos teem vigorado.

Na canstancia do poder absoluto, e já no tempo da actual dynastia, tivemos a deposição de D. Affonso VI promovida por os partidarios de D. Pedro II. Mas então foram as intrigas das camarilhas que fizeram a substituição do chefe do estado. Agora o descontentamento vae alastrando por todas as provincias. Já ninguem appella para o rei, por saber que elle desadora as formalidades que eram o prestigio e a força da instituição, e o povo nos comicios protesta contra as uzurpações do poder, o que exprime a sua desconfiança quanto ao modo da coroa interferir nas questões que lhe são defezas pela carta.

D. Pedro IV abdicou em sua filha, a sr.ª D. Maria II, porque não tinha direitos a invocar para se sentar no throno portuguez. Era elle cidadão brazileiro, visto que acceitou o sceptro logo que a antiga colonia se separou da metropole e se constituiu como imperio independente. Mas essa abdicação foi uma garantia para o partido liberal, e deveu-se á energia do imperador a queda do absolutismo em Portugal. Se não fôra o concurso do seu braço, quem sabe como acabaria a lucta iniciada nos Açores, e que teve o seu epilogo na convenção de Evora Monte?

O peor de tudo é a falta de orientação dos ministros, dando curso forçado a uma idéa, que por assim dizer é considerada por muitos como destinada a salvar a monarchia. Ora a teimosia dos homens que são hoje poder, obriga até os mais descrentes a estudar o modo pratico de conservar o *statu quo* sem os abalos provenientes d'uma mudança de regimen. E quando taes hypotheses se apresentam, é porque vae calando o convencimento de que é absolutamente impossivel manter-se a monarchia com os actuaes processos de governar. Ou ella entra de vez nos dominios da constituição, ou teremos fatalmente reviramento, que tenha por corolario mudança radical de instituições. Portugal achava-se bem com o systema politico implantado de novo pela constituição de 29 d'abril de 1826. Tinhamos alli um pacto liberal, o mais liberal da Europa moderna. Nem a França republicana a egualava nas garantias conferidas á sociedade politica. Mas os iconoclastas não se detiveram diante d'esse padrão das liberdades publicas. Investiram com elle para o suprimir. E a corôa consentiu no repugnante attentado, deixando violar o principio que era a sua força, porque provinha d'este a sua existencia politica. Lançando-se no perigoso caminho das aventuras, a realeza não contou de certo com o paiz. Deixou-se illaquear pelas theorias abstruzas dos seus noveis e pouco escrupulosos conselheiros, e fez mal, porque alienou de si os votos e a sympathia do partido liberal portuguez. Foi instrumento ou motor da ambição descaroavel, e o seu proceder não tem a aplaudil-o senão os que lucram com a perturbação da ordem, e com a supressão da liberdade legal.

Pertence a Deus, resolver sobre o destino dos povos. Mas a crise da fome que se vae manifestando nas regiões do sul e nas do norte do paiz, é de certo precursora de calamidades ainda mais graves. Que a providencia conjure tamanhos desastres, dando juizo aos estadistas, que ahi estão comprometteudo não só o systema monarchico, o que é um mal, mas tambem a nossa autonomia, o que é muito peor. Os cegos que não querem ver, que abram bem os olhos, e os surdos por contumacia, que apurem bem os ouvidos. Attendam a que as circumstancias são graves, e a que o que apenas agora é verruga, pode ámanhã transformar-se em chaga cancerosa e incuravel.

W

Transcripção opportuna

O *Jornal do Commercio*, de hontem, publica, em artigo de fundo, o que segue:

«Diziamos hontem que a Constituição, embora defina e proclame a monarchia, não repudia comtudo a republica. Isto é paradoxal, mas este *paradoxo politico* encerra, como o chamado *paradoxo hydrostatico*, uma verdade, e a prova é que *praticamente* se poderia chegar pela actual Carta á proclamação da dita republica.

Promettemos demonstral-o, vamos fazel-o, e, para que seja na fórma mais rigorosa, executal-o-hemos na structura concisa de um programma, seccionado em 5 simples actos de boa theatrologia constitucional.

ACTO I

Scena 1.ª — Nos termos do art. 9 do Acto Addicional de 24 de julho de 1885, mais de um terço de deputados propõem a reforma dos artigos da Carta, que caracterisam a constituição monarchica, substituindo-os por artigos proclamatorios e definidores da fórma republicana.

Scena 2.ª—Nos termos do art. 141 da Carta, a proposição é lida por tres vezes, em intervallos de seis dias, de uma á outra leitura, e depois da terceira delibera a Camara que póde ser admittida á discussão.

Scena 3.ª — O Rei, parecendo-lhe que a Camara dos Deputados na sua deliberação não representa o sentimento do paiz, usando da faculdade que lhe dá o § 4 do art. 84 da Carta, dissolve a Camara e convoca outra, como consultação ao paiz.

ACTO II

Scena 1.ª e 2.ª — Repetem-se as duas primeiras scenas do Acto I, tendo augmentado consideravelmente a maioria que vota a necessidade da reforma.

Scena 3.ª—O projecto de reforma é approvado na Camara dos Deputados.

Scena 4.ª — *Item* na Camara dos Pares.

Scena 5.ª—O Rei julga prejudicial uma mudança de fórma de governo, e, nos termos dos art. 57 e 59 da Carta, diz que «quer meditar sobre o projecto de lei para a seu tempo se resolver»—ao que a Camara responde que «agradece a Sua Magestade o interesse que toma pela Nação».

ACTO III

Scenas 1.ª, 2.ª 3.ª e 4.ª—Repetem-se as quatro primeiras scenas do Acto II na seguinte sessão, mas com progressiva maioria a favor da reforma.

Scena 5.ª—O Rei reconhece que a vontade do paiz é precisa e inabalavel. Conformando-se ao espirito da Constituição, não insiste no *veto*, e, nos termos do art. 60, profere a formula sanccional: «o Rei consente».

Scena 6.ª—A lei é promulgada, e, nos termos do art. 142, se ordena n'ella que na proxima legislatura os eleitores confiram aos eleitos especial faculdade para a pretendida alteração ou reforma da Carta.

ACTO IV

Scenas 1.ª e 2.ª—Nas duas camaras são approvadas, quasi por maioria, as propostas reformas da Carta.

Scena 3.ª—O Rei pondera que a nobre tradição de sua dynastia é a conformidade com a vontade nacional. Foi a vontade nacional que obrigou o chefe da dynastia a sobrepôr á corôa ducal de Bragança a corôa régia de Portugal, e foi ainda a vontade nacional que determinou o glorioso chefe da monarchia constitucional a doar a Portugal a vigente liberal constituição. Pronuncia, pois, o seu consentimento e assigna o decreto que funda a *Republica Constitucional*, transformação pacifica e legal da *Monarchia Constitucional*.

ACTO V

Scena 1.ª—No dia seguinte o Rei embarca ás 10 horas da manhã no Arsenal, sendo acompanhado pelo ministerio, a que preside o sr. João Franco.

Scena 2.ª—Ao meio dia começa a eleição presidencial. Estão em presença as candidaturas dos srs. Rodrigues de Freitas, Francisco Beirão, José Dias Ferreira, visconde de Chancelleiros, Vaz Preto, Julio de Vilhena, Telles de Vasconcellos e Manuel Bento de Sousa.

Scena 3.ª—A's 9 horas da noite é eleito presidente da republica... o sr. João Franco.

Tout est bien qui finit bien!

*

Como o leitor reconhecerá, todo este processo de fundação republicana, por muito inverosimil que seja a sua realisação, o que não é impossivel, e menos ainda illegal, e inconstitucional.

A promettida demonstração está pois feita por forma irrefragavel, e assim fica bem claro, que, dentro da constituição, e tendo-a até jurado, se póde todavia trabalhar e trabalhar praticamente pela republica. O que se não póde, é, sem forma alguma de processo legal e por mero acto de arbitrio, suspender os poderes publicos e as garantias constitucionaes. Os que fazem isto é que violam a constituição e perjuram!

No nosso posto

Sob a epigraphe que precede estas linhas, a *Aurora do Lima* publica um artigo, affirmando que permanece no campo onde sempre militou, com o mesmo ardor, com a mesma persistencia—com a mesma fé.

Não precisava dizel-o para que todos o soubessem. A *Aurora do Lima* é dos velhos jornaes de provincia que mais se tem sabido distinguir pela sua acrisolada fé politica, pela sua probidade e pela sua dedicação partidaria.

A *Aurora* é um jornal que honra o partido em que sempre militou, que honra a terra em que é escripto e o paiz em que é lido. Honram-se muito os seus irmãos mais velhos de o contar no numero dos seus mais denodados e mais briosos correligionaios.

A COUSA

Sob esta epigraphe o nosso collega *Progressista*, de Braga, escreve:

«Discute-se o procedimento do sr. visconde da Torre, e no geral com palavras bastante duras. Pois nós não pensamos assim. A cousa é simples. O sr. visconde foi progressista emquanto os progressistas o serviram. Agora é regenerador, porque os regeneradores melhor o podem servir. E' a cousa mais simples do mundo, e que, a nosso vêr, nem merece mais demorada discussão. O sr. visconde não tem que dar satisfação a ninguem. Foi para onde o chamavam as suas inclinações. Seguiu o caminho que lhe pareceu mais commodo, e sobre tudo, elle monarchico convicto, de pura agua, não podia macular-se com o convivio de quem, ao que parece, não agrada ao rei nosso Senhor. Ora isto, que muitos censuram, é, nem mais nem menos, motivo para louvores, pois que, nos tempos, que vão correndo, não é facil encontrar muitos com tanta coragem, como a que teve o sr. visconde na sua heroica resolução. E assim parece-nos sufficientemente esclarecida e discutida a cousa. O sr. visconde foi, e está muito bem. Os progressistas sérios e convictos ficam, porque é esse o seu dever de honra. E ficam todos no seu logar.»

E' o que sempre nos pareceu, e os proprios patricios o confessam. O homem foi para onde melhor lhe sabem apreciar os *meritos*. E' um transfuga, e estes teem aqui o tratamento que merecem.

Por caridade, a terra lhe seja leve.

União vinicóla e oleiocola do sul

Sob este titulo um jornal de Lisbca escreve o seguinte:

«A união vinicola e oleiocola do sul, desejando affirmar de um modo solemne o profundo reconhecimento e admiração pelos serviços que o sr. conselheiro Elvino de Brito, director geral da agricultura, tem prestado á lavoura nacional, e, sobretudo, pelo decidido apoio e incitamento dispensado por aquella cooperativa, secundando-a poderosa e efficazmente no empenho, já demonstrado por factos, de contribuir, quanto n'ella couber, para o desenvolvimento agricola e industrial da região transtagana, resolveu, na sua sessão de 16 de janeiro proximo findo, proclamar aquelle distincto e talentoso funccionario socio honorario da referida cooperativa. O sr. conselheiro Elvino de Brito é merecedor da justa homenagem que acaba de lhe ser conferida.»

Simplesmente merecido o que acaba de fazer a corporação de que se trata. O sr. conselheiro Elvino de Brito tem prestado importantissimos serviços á agricultura do paiz, e mais que á agricultura, ás industrias nacionaes.

O districto d'Aveiro não é decerto dos que menos deve ao illustre funccionario, e por isso aqui lhe testemunhamos, com o nosso applauso ao acto da união vinicola e oleiocola do sul, o testemunho do nosso reconhecimento por todas as formas elevadamente significativo.

DOCUMENTO OFFICIAL

O decreto publicado no *Diario* de ante-hontem, permittindo a importação de trigo estrangeiro, é o seguinte:

«Artigo 1.º—São mantidas até 31 de julho proximo futuro as disposições do decreto de 26 de setembro de 1893, com as modificações constantes dos artigos seguintes.

Art. 2.º=A importação de trigo estrangeiro, auctorisada por este decreto, é fixada para o anno agricola corrente em 90.000:000 kilog.

§ unico.—O despacho começará em 14 do corrente mez de fevereiro e terminará em 31 de julho de 1895, em que finalisa o anno cerealifero.

Art. 3.º—A percentagem do trigo estrangeiro que deve distribuir-se pelas fabricas, moinhos ou azenhas matriculadas será regulada pela tabella annexa, que faz parte d'este decreto.

§ unico.—A percentagem a que se refere este artigo regulará tambem as distribuições entre os fabricantes matriculados dos saldos dos trigos nacionaes accusados em 12 do corrente mez no Mercado Central de Productos Agricolas.

Art. 4.º—E' fixado em 20 réis o kilg., sem acrescimos ou quaesquer addicionaes, o direito de importação do trigo estrangeiro.

Art. 5.º—Não é permittida a importação durante este anno cerealifero de trigo especialmente destinado ao fabrico de massas.

Art. 6.º—E' limitado a 115 o numero de padarias na cidade do Porto, sem prejuizo das que actualmente existem a mais d'este numero.

Art. 7.º—Este decreto terá execução desde a data em que fôr publicado.

Art. 8.º—Fica revogada a legislação em contrario.»

Fica d'este modo satisfeita senão uma necessidade publica, pois que muitos negam que o fosse, ao menos a vontade dos fornecedores de farinhas que mais interessam com a moagem de trigos estrangeiros que com a moagem de trigos naciouaes.

NOTICIAS DE LOURENÇO MARQUES

Não são agradaveis as noticias que acabamos de receber d'aquella importante possessão portugueza. O *Futuro de Lourenço Marques* diz-nos no seu ultimo n.º, que é de 12 de janeiro, o que vae lêr-se:

«No dia 7, de madrugada, uma leva de cerca de 3:000 pretos da Zichacha, Magaia e Gungunhama, sahiram de Marracuene, atravessaram a estrada que nos separa de Anguane, destruiram quasi completamente a linha telegraphica, avançaram em torno da cidade, a pouco mais de um kilometro, á vista dos nossos *block houses*, em direcção ao caminho de ferro, e ahi, pelas 8 horas da manhã, mataram dous portuguezes, capatazes da linha, algumas dezenas de pretos que alli trabalhavam, e muitas mulheres e creanças. A poucos metros de um «block-house», no deposito de agua onde as locomotivas vão fornecer-se, cortaram a mangueira de lona, que servia para as encher; n'outro sitio roubaram quatro bois a um marchante da cidade, e por toda a parte queimaram casas e palhotas. Alguns carregaram sobre a Matolla e ahi fizeram a mesma razzia, n'alguma pobre gente, que encontraram desprevenida; depois dirigiram-se todos a Anguane, atacaram ahi o nosso acampamento, cujo resultado não conhecemos ainda, e internaram-se outra vez no Marracuene.

Da linha de defeza descobre-se em toda a volta uma campina de mais de 2 kilometros. Os «block-houses» estavam guarnecidos com policia, caçadores da expedição e caçadores 3. Os revoltosos chegaram a cerca de 300 metros da linha sem terem sido vistos pelas nossas forças. Quem deu o alarme foi uma machina do caminho de ferro, que andando em serviço, perto da toma de agua, surprehendeu os cafres a massacrarem um capataz da linha, e retirou a toda a força, apitando em alarme de soccorro. Immediatamente em toda a linha de defeza se toca a unir, e se põem em sentido nos seus postos cerca de 50 soldados do corpo policial, 20 de caçadores 2, e não sabemos quantos de caçadores 3. Depois disto, e dentro de uma hora, tendo acudido á linha de defeza mais reforços, chegaram a juntar-se entre forças do corpo policial, de caçadores 2 e 3, e paizanos, mais de 800 homens bem armados e municiados.

As victimas portuguezas da razzia do dia 7, são:—José Maria, natural da Povoa de Varzim, calceteiro, que foi morto a machadadas, que o abriram todo, desde o alto do peito até ao baixo ventre; José Ferreira, capataz do caminho de ferro, natural de Vizeu, que foi morto á zagaiada, horrivelmente mutilado, ficando o coração retalhado. Os pretos e pretas, e creanças mortas, da cidade e da Matolla, são mais de 60. Uma creança preta de 8 a 9 annos foi azagaiada a distancia de proximamente 300 metros de um dos «block-houses» guarnecidos por caçadores 2. Alli se conservou até ao cahir da noute, conseguindo arrastar se para perto do «block-house», onde morreu pouco depois. Estava toda crivada de zagaiadas. N'esse dia, e ainda no seguinte, muitas pretas e mouros foram procurar os parentes e serviçaes, que lhes faltavam, e acharam-os mortos, no extensissimo campo da carnificina.

O sr. conselheiro Araujo tem estado muito doente, o que se attribue ao excessivo trabalho e aos desgostos soffridos.

No dia 8, o régulo da Matolla veio com a sua côrte queixar-se do insulto que no dia 7 lhe fizeram os revoltosos, que lhe mataram muitas mulheres, queimaram palhotas, arrazaram cearas e roubaram muitos gados. O régulo da Matolla pela millesima vez pediu que o auxiliassem, que estava prompto a ir bater os revoltosos, cujo numero é cada vez maior, ou então lhe dessem a liberdade de proceder como quizesse. O governador interino sr. Moraes de Souza prometteu, segundo se diz, que aproveitaria o seu concurso para fazer a guerra, e que estava resolvido a proceder com energia.

Corre com geral agrado a noticia de que o sr. governador interino conta incumbir o intelligente e brioso major Caldas Xavier das operações de guerra necessarias para a completa reducção do preto á ordem.

Foi preso um célebre preto maneta, que tem sido entre nós espião do régulo da Zichacha. Foi talvez elle que preparou o ataque do dia 7.»

O que nos diz o *Futuro de Lourenço Marques* é gravissimo. Entretanto o governo dorme o somno do justo, e é assim que defende a honra, as vidas e os interesses do paiz que o azar ou a nossa má sorte lhe confiou.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São ainda sem importancia politica as noticias do estrangeiro. Tudo o que de fóra nos vem limita-se a descrever os horrores que as tempestades, as enchentes, as neves e os frios teem causado. Mal por toda a parte.

CARTA DE ESTARREJA

15 DE FEVEREIRO DE 1895.

O que ha dias se passou na Murtoza é digno de registar-se, para se ficar sabendo que o commercio d'aquella importante povoação sabe comprehender o seu dever e defender os seus direitos. Tratava-se da questão do imposto industrial, e para logo houve quem promovesse uma reunião a que assistiram não só commerciantes, mas advogados, industriaes e pessoas de todo o credito, no proposito todos de reagir contra a acção do governo, que todos creem fóra da linha do justo.

Ao acto presidiu o sr. dr. Ruella Tavares, um caracter illustrado e digno, que soube conduzir a discussão por forma inteiramente regular. Depois de uma discussão ás vezes acalorada, mas conforme sempre com as intensões de protesto contra a oppressão que o governo projectara, chegou-se á conclusão de que era mister nomear uma commissão que vá a Lisboa pedir a El-Rei, que a Murtoza seja classificada como terra de 6.ª ordem. A commissão será composta dos srs. dr. Ruella Tavares, Monteiro de Carvalho e Thomaz Maria da Silva.

E' de fé para todos os que conhecem bem a situação do governo, cujo principal cuidado é não levantar atrictos, é condescender com todas as vontades, é sustentar-se em fim; é de fé, para todos, digo, que tão justa pretensão será promptamente resolvida como com tanta justiça se pede e se espera.

Parece que a auctoridade local se julgou offendida por não se lhe ter dado conhecimento da reunião. Chamados aqui os convocantes para dizerem da sua justiça, responderam que a reunião fora particular, e que nada tinha com isso a auctoridade. O sr. administrador do concelho, acommodou-se; nem outra cousa lhe cumpria fazer, querendo, como decerto quiz, proceder com bom criterio.

Y.

NOTICIARIO

Suffragios.—Suffragando a alma da chorada mãe do sr. Bispo Conde, o sr. padre José Marques de Castilho, digno professor do lyceu d'esta cidade, resou hoje uma missa na egreja da antiga Sé de Aveiro. Foram muitos os assistentes.

Azylo-Escola Districtal.—O sr. dr. Alvaro de Moura, illustrado vice-presidente da camara municipal e vereador do pelouro dos azylos, vae transformar em banda a fanfarra dos azylados da «Secção Barbosa de Magalhães» do mesmo Azylo. Aplaudimos a lembrança, que melhora immensamente o fim utilissimo da piedosa instituição, que, sob a administração zelosa e prestante iniciativa do infatigavel vereador, tem progredido extraordinariamente.

Com os meios que o governo lhe faculta, limitados como são, o sr. dr. Alvaro de Moura tem transformado e augmentado quanto possivel tudo aquillo. E n'esta meritoria obra civilisadora, não tem sido o seu bolso o menos sobrecarregado. Ninguem póde porisso regatear-lhe louvores, que os merece sem duvida quem a tão util causa tem consagrado uma grande parte da sua actividade, da sua intelligencia e da sua reconhecida philantropia.

Estimamos.—Está restabelecido do incommodo que soffreu o nosso bom amigo, sr. Bento Rodrigues Ferreira Malva, muito digno cirurgião mór de cavallaria 10. O distincto medico passou já de Cellas, onde esteve a convalescer, para a sua casa de Bemcanta, proximo de Coimbra.

Estado grave. — Está gravemente doente com uma pneumonia, a esposa do sr. João de Oliveira, acreditado industrial d'Esgueira e nosso amigo. Sentindo profundamente o facto que se dá, fazemos votos pelo restabelecimento d'uma esposa e d'uma mãe tão digna dos cuidados que a todos os seus principalmente inspira.

Theatro Aveirense.—Vae grande animação com a recita do *Gymnasio*, que deve ter hoje logar no *Theatro Aveirense*. A sala está brilhantemente ornamentada. Ha já uma diminuta quantidade de bilhetes por vender. A direcção resolveu não passar uma parte da galeria, e a nosso ver com muitissima razão. A grande agglomeração de gente é sempre prejudicial.

Sellos do correio.—Sob esta epigraphe, publicamos hoje um annuncio para que chamamos a attenção dos leitores colleccionadores de sellos. A casa do sr. Otto Mangold, que tem a especialidade de sellos portuguezes na mais larga escala, é certamente das primeiras que no estrangeiro se dedicam ao commercio d'este genero. Mantemos com ella relações ha já muito, e sabemos por experiencia propria, que a mais apreciavel honradez preside alli a todas as suas importantes transacções. E' que na verdade o sr. Mangold se torna credor dos maiores elogios, por isso o recommendamos especialmente aos nossos leitores.

O tempo. — Simplesmente horroroso. Ha muitos dias que chove continuamente, trovejando a espaços, ventando sempre. Não recorda a ninguem, nem ainda aos mais antigos, que assim tenha feito uma quadra tão rigorosa, tão permanente e tão longa de inverno. Os rios levam uma cheia pasmosa, e nas salinas a impetuosa marola que a ria cava, tem feito estragos grandes. Nos pomares, nas hortas, em toda a parte o mau tempo tem causado enormissimos prejuizos. Deus se amerceie dos pobres, que são, afinal, quem mais soffre n'estas tormentas.

Cheia. — As ultimas chuvas augmentaram consideravelmente as aguas da nossa ria, que leva uma grande e impetuosa cheia.

Prevenção a tempo. — Consta que alguns viticultores do Alemtejo pretendem a importação de bacellos americanos para localidades ainda não invadidas pela phylloxera, o que, além de ser contrario ás leis e regulamentos vigentes, constitue um attentado contra os interesses dos viticultores seus visinhos, que temem, e com justa razão, d'este modo, ver phyloxerados em breve os seus vinhedos. Bom será, pois, que os senhores agronomos dos districtos informem as auctoridades competentes, de quaes as regiões atacadas da doença, e que as referidas auctoridades não consintam no transporte de videiras americanas senão para os terrenos invadidos.

Compare-se.—Para que os nossos leitores vejam como em França se respeita a liberdade do pensamento aqui publicamos um trecho d'uma das ultimas sessões parlamentares:

«O sr. Ribot, presidente do conselho e ministro da fazenda, responde que o sr. Levaillant foi demittido porque faltou a todos os seus deveres; o ministro da justiça examinará se lhe é applicavel uma pena mais severa, porquanto é preciso que a administração publica seja irreprehensivel. Não existe nenhuma questão de religião; que os funccionarios publicos sejam judeus ou pedreiros livres, que vão ou deixem de ir á missa, o governo não se importa nada com isso; respeita todas as crenças. (Applausos).»

Da comparação resulta que em França não se coarcta a liberdade do pensamento. Aqui veja-se o que se praticou com o honrado secretario da Universidade de Coimbra.

Assombroso! — De Bragança, em data de 15, dizem-nos:

O governador civil mandou agora apprehender os exemplares do jornal *O Nordeste*, quando eram conduzidos para o correio, sendo tambem apprehendidos os exemplares existentes na administração do jornal! A' porta do correio e junto aos marcos postaes estacionam policias que apprehendem os numeros que os particulares alli vão lançar.

E' a censura prévia em acção—é a desordem no poder!

Noticias de Portalegre.—Em 15.—Tomaram hontem posse dos seus canonicatos da Sé cathedral d'esta cidade os ex.mos e rev.mos srs. José Maria da Ressurreição e José Luiz d'Almeida. O acto foi muito concorrido, tendo os novos conegos feito grande numero de convites. Depois da posse foi offerecido aos convidados um explendido copo d'agua, servido na sala capitular. Trocaram-se effectuosos brindes, e os agraciados receberam as mais evidentes provas de estima e de respeitosa consideração.

— Continuam as chuvas; a atmosphera está saturada de humidade; os terrenos inteiramente alagados.

— Os trabalhos agricolas estão paralysados, os lavradores vendem os gados por não terem alimento que lhes dar e a fome principia a manifestar-se com tados os seus horrores. Deus melhore promptamenta esta situação.

Concurso.—Está aberto concurso para provimento do logar de secretario da administração do concelho de Poiares. E' emprego a que podem concorrer os addidos.

As missões catholicas no Zambeze.—O *Times* publica uma correspondencia de Blantyre, datada de 16 de dezembro do anno passado, em que se referem uns ataques feitos pelo gentio aos padres das missões catholicas e a um forte portuguez. Diz-se alli que tres tribus de Jaos atacaram o forte portuguez e as missões catholicas perto de Mlanje, havendo já seis mezes que andavam fazendo preparativos para destruir as forças portuguezas de Mlanje, realisando o primeiro assalto em 13 de outubro. Quando se divisou o gentio que vinha atacar a missão, estavam alli apenas dous padres e alguns creados que resolveram não abandonar a estação até que principiasse o combate, procurando boas posições para resistirem. Assim estiveram todo o dia e toda a noute, até que na manhã do dia seguinte ouviram fuzilaria para os lados do forte portuguez e viram sahir d'elle grossas columnas de fumo, receando então que houvesse succedido algum desastre; mas o estrondo da artilheria do forte veio confirmar-lhes que elle estava salvo. A meio do dia cessava o fogo e grupos de indigenas conduzindo feridos, afastavam-se do forte. A' tarde foram informados os padres das missões de que o inimigo se estava aproximando da sua residencia e então fecharam as habitações e partiram para o forte, onde chegaram já muito de noute, depois de tres horas de viagem por caminhos escabrosos. O commandante do forte ficou muito satisfeito ao vêl-os e contou-lhes o impetuoso ataque dos yaos, que eram mais de 600. No dia seguinte ao do primeiro ataque ao forte, os yaos fizeram nova tentativa de assalto, mas foram outra vez repellidos por fortes descargas. O commandante do forte recommendava ás forças que só procurassem ferir os inimigos quando elles tambem os ferissem. Os yaos retiraram e o commandante mandou mensageiros ao forte Anderson pedir reforços, emquanto não lhe chegava auxilio de Quilimane. Passados alguns dias os yaos saquearam e deitaram fogo aos edificios das missões. Esperava-se uma força de 2 officiaes e 75 soldados de Angola, e duas peças de artilheria, contando-se que essa força bastaria para pôr em debandada o gentio revoltado.

VERDADES

O correspondente do *Commercio do Porto*, o que mais presume na exactidão do que escreve, fallando da situação actual, diz:

«No decurso d'estas revistas temos tido occasião de estabelecer, entre o actual governo e diversos objectos, um sem numero de comparações, nas quaes a similhança é flagrante, a ponto de se lhe não contestar a evidencia. Effectivamente, o governo tem tido a habilidade de se parecer com tudo, menos com um governo sabio, prudente e constitucional, que era exactamente a cousa com que devia ser mais parecido. Hoje comparal-o-hemos com o jogo da berlinda, esse jogo de sala tão innocente e tão conhecido. Reunida, segundo indicações mais ou menos constitucionaes, a sociedade politica que recebeu o nome de ministerio, principiou immediatamente o jogo, sendo o sr. conselheiro Fuschini o primeiro que tomou assento na berlinda.

Porque está na berlinda o sr. Fuschini? — perguntavam todos. Foram innumeras as respostas, mas qual fosse a mais acertada nunca se averiguou.

Os restantes ministros conservavam-se modestamente na sombra, a não ser o sr. conselheiro Bernardino Machado, o qual, tendo chamado para si as attenções dos circumstantes, dentro em muito pouco estava na berlinda tambem.

Porque está na berlinda o sr. conselheiro Machado? — principiaram a ferver as perguntas. As respostas ferveram tambem. E taes foram ellas para um e outro conselheiro, que a verdade foi os dois não ficarem satisfeitos e sahirem do jogo. Entraram novos convidados, e ahi está na berlinda, immediatamente, o sr. Carlos Valbom. Depois, o sr. ministro da guerra, que tem tido o condão de estar mais vezes na berlinda, do que fóra d'ella. Depois, o sr. conselheiro Campos Henriques, o qual, tão depressa entrou na sala, como foi logo para a berlinda, por causa dos predios do Porto. E o sr. Neves Ferreira, que aturou na berlinda por muito tempo, e o sr. conselheiro Hintze, que tambem já lá tem estado, mas que se diverte mais cá de fóra, vendo na berlinda os outros. Emquanto ao sr. conselheiro João Franco, esse não vae para a berlinda. Está sempre em evidencia na sala. E' o director do jogo.

Em tempos, o sr. conselheiro Arouca foi admittido na reunião familiar do governo; porém, retirou-se a tempo, não achando a berlinda a seu gosto.

O sr. conselheiro Neves Ferreira, apesar de muito pratico com o balanço de bordo, estranhou as molas da berlinda, e dentro d'ella enjoou. Apanhou-se cá fóra e não o quer crêr.

Quem lhe tem fugido sempre, o mais possivel, tem sido o sr. conselheiro Antonio de Azevedo. Está contrafeito, não é para aquillo, não se diverte com o jogo. Emquanto ao sr. conselheiro Ferreira de Almeida entrar para o ministerio e entrar para a berlinda, foi uma e a mesma cousa. E' agora quem está senhor d'ella. Tem berlinda para muito tempo. O publico está distrahido; é como as creanças, diverte-o qualquer cousa. E emquanto se pergunta: Porque está na berlindo o sr. Ferreira de Almeida? e se recolhem pacientemente as respostas, o publico deixa estar socegados os ootros jogadores. Ninguem se lembra do sr. Hintze, nem do sr. Azevedo, nem do sr. Henriques, nem do sr. Valbom.

Ora, a verdade é esta. O enormissimo defeito da presente situação, salvo a extra-legalidade das condições em que se collocou para subsistir, tem sido exactamente a sua predilecção pelo jogo da berlinda. Cada ministro, voando rasteiro nos assumptos do seu expediente proprio abrange curtos horisontes; apenas aquellas que se descortinam das janellas da sua secretaria.

Não ha um plano geral de administração, bem estabelecido, bem formulado para cuja execução incessante todos os esforços isolados convirjam. Não puxam todos ao mesmo tempo; o que succede é que, emquanto uns puxam, estão os outros parados, quando não acontece peior ainda, que é puxar cada um para seu lado. De modo que o paiz tem estado naturalmente n'esta situação: vêr e julgar, não que faz o governo todo, porém simplesmente o que cada ministro faz:»

Tem graça, tem o cunho da exactidão e não offende.

AS NOSSAS COUSAS NO ULTRAMAR

Do excellente jornal de Loanda, *A Provincia*, tamamos o seguinte artigo:

N'este caminhar desorientado, se vae dispondo tudo para, n'um futuro proximo, se ver o paiz assoberbado com difficuldades financeiras e economicas que então não terá, como hoje tem, na Exploração Colonial, elementos para a debelar, porque tudo se está dispondo para a entrega d'ella aos estrangeiros. *Gratis para o paiz!*

E' proposto um emprestimo de doze mil contos, garantido pelo excesso das receitas do Ultramar, excesso que mais se tem accentuado n'esta provincia, por effeito da pauta proteccionista, decretada em 16 d'abril de 1892.

Tendo porem o governo dado a concessão do Caminho de Ferro do Zaire, sendo na generalidade livre de direitos a importação alli, tendo o concessionario a faculdade de fazer linhas transversaes na direcção que quizer, e tendo-lhe sido concedidos sem local determinado, 10:000 kilometros quadrados de terrenos, é natural, é de crer por que será fatal, que effectuada que esteja a construcção até *Madimba*, se faça de preferencia a linha transversal até á margem direita do Rio Loge, que é o seu objectivo, requerendo em seguida a posse dos terrenos concedidos, os quaes procurarão obter na região do Enconge por que não existindo alli uma unica propriedade registada, serão *para essa Companhia* considerados baldios?! Estando pois a Companhia *Magestatica com exclusivo seu, senhora da região de Enconge*, que é a parte mais rica da provincia, servida por um Caminho de Ferro tambem *seu para porto franco*, para alli fará convergir todo o commercio d'além d'Ambaca que vae para os portos do N. e que vem pelo Caminho de *Ferro Atravez d'Africa* ser exportado por esta cidade, pela razão de ficar perto ao negociador, e ter este as fazendas por menos 30 a 40 °|₀. A evolução por que então passará o commercio d'esta provincia, trará a necessidade irremediavel da uniformidade da pauta, acabando com a proteccionista que existe de Loanda para o Sul para a egualar á que vigora no Districto do Congo que é, e continuará a ser de accordo com o Estado Livre!

Tende pois o governo garantido o emprestimo com o excesso das receitas do Ultramar, sendo n'esta provincia onde mais se manifestava esse excesso, o qual era firmado na taxa pautal que tinha; deminuindo pois essa taxa, deminuiu fatalmente a receita, vindo depois os prestamistas pedir outra garantia, com o justificado fundamento de ter o governo cerceado a receita com a qual foi garantido o emprestimo: onde é pois que o governo vae buscar receita para garantir a deminuição que houver devido á reforma pautal?!!

E' certo, que feito que seja o Caminho de Ferro até á margem do Loge, e que a Companhia formada esteja senhora da região de Enconge, que é o seu objectivo, para alli convergirá todo o commercio que hoje procura os pontos do Norte, os quaes ficarão completamente arruinados e perdidos todos os valores prediaes que alli existem, assim como deixará o commercio que hoje vem pela linha d'Ambaca de ser exportado pela Alfandega d'esta cidade, prejudicando-se em extremo esta linha da qual o governo garantiu o juro e exploração kilometrica, anniquilando-se toda a iniciativa particular em favor dos estrangeiros. Que malfado paiz!!!

Com todos aquelles elementos é natural e será certo, crescer tanto a receita em Noqui, caes de embarque d'aquelle Caminho de Ferro, que espante e seduza; por muito grande porém que seja a receita d'alli nunca estará na razão de 50 °|₀ da deminuição que terão os portos não alfandegados do Norte do Rio Loge, e todos os alfandegados do Sul d'este Rio, além da perda do mercado da provincia para a industria fabril do paiz, e d'agoardente colonial, na qual há milhares e milhares de contos compromettidos, por que o Caminho de Ferro do Zaire será a arteria pela qual hão de correr as mercadorias estrangeiras livres de direitos, para o interior da provincia!!

N'este desprendimento para o abismo, quem poderá salvar-nos d'aqui a uma duzia de annos se aquelle Caminho de Ferro se faz nas condições que ficão descriptas!!! Porque embora a companhia seja nominativamente Portugueza, é certo que será inglez todo o elemento d'ella, não se fallando se não inglez no centro d'aquella concessão e terrenos concedidos; sendo inglezes todos os colonisadores para a premuta, e quando os naturaes, habituados á sua lingua e usos e costumes, e Portugal emfraquecido pela denominação do seu commercio e industria; não será difficil que os naturaes se sublevem contra o nosso dominio, proclamando o inglez; o que a Inglaterra acatará com o fundamento de garantir vidas e fortunas aos seus cidadãos, visto que Portugal não tem força nem elementos para combater a rebelião; e para que elle não perca de todo o prestigio nos povos que ainda lhe estão sugeitos, *não sei se ainda lhe pedirá alguma idemnisação*; o que porém depois com certeza imporá, é uma linha de limitação, que fiquemos incurralados na faxa arida do litoral.

Que lindo festim aguarda os destinos d'esta provincia, emquanto nos entretemos a fazer centenarios que deviam exaltar o nosso dominio! Tudo se encaminha para o abismo!!!

Não sei se os homens a quem estão confiados os destinos do paiz, cuja intelligencia ninguem contesta, eivados da ambição do mando, se deixam arrastar por influencias occultas, que tudo dispõem, para o nosso emfraquecimento futuro; se é a fatalidade que os cega levando-os a encaminhar tudo para esse fatal enfraquecimento, na ideia cega de levantar o paiz; se filialmente, devido á ausencia de civismo nacional, e dominados pela ideia de quem poder que se salve, tudo assim dispõem por contarem sempre com um nicho nas companhias Magestaticas que crião; pois que de boa fé não pode acceitar, que se pretende dar como garantia do emprestimo o excesso das receitas do ultramar; tendo-se antecipadamente prejudicado essa receita!!! Não vae longe a epoca, que era um clamor publico do Norte ao Sul do paiz, contra a prepotencia ingleza, que parecia ter renascido no Espirito Portuguez aquelle tradicional civismo do tempo de D. João de Castro, para no fim de menos de quatro annos, tudo se esquecer, deixando em silencio que capciosamente tudo se disponha, para dar aos estrangeiros *gratis para o Paiz*, a exploração commercial d'esta provincia, que será a cauza da perda da nossa autonomia da parte mais rica que ainda possuimos; fundamentando o principio, d'atrahir o commercio que deriva para o Estado Livre, de forma que para atrahir um commercio já todo Estrangeiro que não comsomme nem consummirá nada da nossa industria, vamos precipitar a reforma da pauta que será consequencia fatal da perda do mercado da provincia para a industria nacional e deminuição da sua receita, pondo em riscos a nossa autonomia!!

Sendo de reconhecida intelligencia os homens a quem estão confiados os destinos do paiz, é preciso que os *interesses externos que se movem na sombra*, sejam de natureza a quebrantar os esforços da actividade nacional no enfraquecimento da sua industria, para que essas intelligencias defendam como salvação o que vae enfraquecer, a nacionalidade Portugueza!!!

C. F. R,

Chamamos a attenção do governo para o que acaba de ler-se, esperando que as judiciosissimas allegações do nosso collega d'alem mar possam ser attendidas.

INFORMAÇÕES ECONOMICAS E FINANCEIRAS

CRISE MONETARIA NOS ESTADOS-UNIDOS

A casa Rotschild de Londres que com a casa Morgan se prestou a tomar o novo emprestimo de 100 milhões de dollars em titulos de 4 0|0, offereceu um preço correspondente ao juro real de 3 1|2 0|0. O ministro ou secretario do thesouro americano envidava esforços para que o emprestimo fosse collocado na razão de 3 1|8 0|0 de juro real.

Em consequencia da operação do thesouro dos Estados-Unidos foi adiada a emissão de um emprestimo em ouro da Austria-Hungria. Em Budpesth o juro tende a subir.

Não deixa de ser interessante a seguinte nota do movimento mensal, em 1894, da *reserva em ouro* do thesouro americano que serve de lastro á circulação de notas do thesouro, *reserva* que representa o excesso do ouro nas arcas sobre os certificados de depositos do precioso metal. Foi o seguinte:

Mezes de 1894	Dollars
Janeiro	66.700.000
Fevereiro	100.000.000
Março	100.000.000
Abril	100.006.000
Maio	78.700.000
Junho	64.900.000
Julho	65.000.000
Agosto	55,300.000
Setembro	58.900.000
Outubro	61.400.000
Novembro	100.000.000
Dezembro	86.200.000

A reserva theorica e legal é de 100 milhões de dollars, só attingida em 4 mezes, e para esse fim se emittiram como anteriormente dissemos dois emprestimos, um de 50 milhões de dollars em janeiro e outro de egual somma em novembro. O exodo d'ouro dos Estados-Unidos começou em 1888 e foi desde então o seguinte:

Annos	Dollars
1888	23.565.667
1889	38.928.828
1890	3.832 984
1891	34.116 471
1892	59.081.110
1893	7.013 431
1894	82.200.351
Total	247.738.851

Em 1895 apesar de decorrido pouco mais de um mez, a saida do precioso metal excede já a 50 0|0 do total da saida de 1894, baixando a reserva a cêrca de 42 1|2 milhões!

Resgate do papel moeda no Chili

Foi approvado pelo senado chileno o projecto do resgate do papel moeda na razão de 18 centiavos por pezo, isto é na razão de 18 0|0!

Banco de Napoles

Por decreto real foram dissolvidos o conselho geral e o conselho central d'administração d'este banco italiano, sendo nomeado commissario extraordinario Mr. Simeone, director geral no ministerio das finanças.

Finanças hespanholas

Segundo o relatorio de fazenda do actual ministro, Canalejas, as receitas dos exercicios de 1891-92 e seguintes, foram:

	Pesetas
1891-92	689.425.851
1892-93	719.473.690
1893-94	767.307.582
Para o exercicio de 1894-95 estão calculadas em pes.	773.994.593

Os *deficits*, a contar de 1890-91 tem sido os seguintes:

	Pesetas
1890-91	75.689.681
1891-92	92.775.108
1892-93	74.732.685
1893-94	13.656.969
E calculando o de 1894-95 em pes.	5.924.284

Em rigor ao *deficit* de 1893 94 deve sommar-se a importancia de 30 1|2 milhões de pesetas despendidas com a guerra de Melilla, posto tenham caracter extraordinario. A receita do orçamento de Mr. Canalejas para 1894-95 é baseiada na do orçamento de 1893-94, mettendo, porém em linha de contas os accrescimos obtidos em 1894. Ainda assim as receitas são augmentadas com moderação no calculo. No orçamento de despeza comportam-se como ordinarias, despezas que os seus antecessores consideravam extraordinarias. Assim no orçamento de 1893-94 eram consideradas extraordinarias:

	Pesetas
Augmento d'encargos de divida publica por effeito do agio de ouro.	17.300.600
Idem d'outros pagamentos no estrangeiro...	1.500.000
Material de guerra.....	2.800.000
Reforço da guarnição de Melilla	2.100.000
	23.700.000

Restabelece as subvenções a caminhos de ferro supprimidos em 1893-94 no valor de. 7.500.000

Accrescimo de encargos no orçamento ordinario 31.200.000

O actual ministro assignala no seu relatorio a circumstancia d'existirem em Hespanha muitas propriedades e industrias sonegadas ao fisco, por effeito da cumplicidade e do desleixo das auctoridades locaes, em virtude do que lhes vae retirar as attribuições relativas á distribuição do imposto.

As medidas já postas em pratica, emquanto não se leva a effeito a reforma completa do systema tributario, fizeram com que a riqueza declarada que em 1881 era de 777 milhões para o effeito do imposto esteja já hoje computada em 870 milhões. A propriedade que então pagava 25 0|0 paga hoje 18, 15 0|0 do valor collectavel. Reflectindo-se esta reducção, sobretudo na pequena propriedade, a mais onerada por ser a menos protegida pelas auctoridades, o ministro conta com a cooperação do pequeno contribuinte para que se regularise o lançamento do imposto, de modo a evitar as desegualdades que se deram, em detrimento d'aquelles.

NOTICIAS DIVERSAS

Tuna Coimbrã. — Sob este titulo, o *Ovarense* de 10, diz:

Os academicos que constituem a bella tuna de Coimbra, sob a regencia do maestro dr. Simões Barbas, tencionam vir dar um concerto em a nossa villa, a convite d'alguns dos nossos conterraneos. Composta de 40 academicos, a tuna coimbrã tem sido alvo dos maiores enthusiasmos pelos diversos pontos do paiz onde tem ido nas suas digressões bohemias. Além dos que compõem a tuna tencionam vir 60, dos quaes varios recitarão poesias, monologos, cançonetas, scenas comicas, etc. Esperamos que essa troupe de rapazes alegres, despreoccupados, cheios de enthusiasmo, levem d'aqui as mais gratas recordações. Oxalá que Ovar os saiba receber como Leiria, Braga, Vizeu e outras terras que lhes prepararam grandes manifestações de sympathia.

O que vae por Lisboa. — Um collega d'alli, de 13 conta:

Lisboa está necessitando, com urgencia de duas especies de saneamento: o hygienico e o moral. A' insalubridade reconhecida, que faz da cidade um fóco terrivel da endemia typhoide e de outros morbos assassinos, está correspondendo uma tão profunda dissolução de costumes e uma perversão tal do senso moral, que nas accumulações nojentas de immundicias que empestam o ar e povoam de microbios as aguas. De tempos a tempos, um caso vergonhoso, que desperta vivo escandalo, alarma a opinião publica por alguns dias; mas, depois, recae-se na mesma indifferença criminosa, e a immoralidade continua a campear dentro dos antros revoltantes, em que tantos vicios crapulosos e inominados se albergam d'um canto a outro da cidade. Em compensação, a monção nunca deixa de ser excellente para os *paladinos da moralidade* gorgorejaram insultos e vituperios contra as pobres mulheres que fazem officio da caridade em nome de Deus, e que pelo seu exemplo são tão proficuas, no meio do espectaculo d'essa triste degeneração de costumes, como pelo sacrificio da sua vida em proveito do proximo tão uteis aos desventurados e aos infelizes! Bello contraste para lição!

A imprensa tem aqui uma missão a cumprir? De certo. Mas é preciso que a cumpra com uma altiva dignidade e uma nova convicção para, não vir rastejar tambem, por sua vez, na mesma podridão infame, na mesma ignobil vasa de dejectos da consciencia, que necessita ser desinfectada. Ainda ha poucos dias um jornalista francez muito distincto pleiteava a inconveniencia de pôr bem á luz do sol as intimas miserias e as ignoradas vergonhas da civilisasão parisiense. Não é assim. Dizer tudo seria innegavelmente, uma conspurcação inutil e improficua. Mas apontar as manifestações multiplas e variadas do mal, principalmente quando uma d'ellas—como agora *acontece—hade entrar fatalmente* na publicidade pelas revelações inevitaveis da reportagem, é um serviço. Ao legislador cumpre completal-o.

O caso de hoje. — E' preciso contal-o com todas as cautellas, deixar cair um veu sobre os seus pormenores mais indignos, procurar na technologia scientifica termos que expressem alguns factos. Ha na rua do Poço dos Negros um café, cuja principal clientella é naturalmente noctivaga, e que pertence á classe dos chamados «cafes de *camareras*», como os que abundam em Alfama, com o seu piano e a sua freguezia miseravel. Ha dias, dois individuos, que não eram frequentadores habituaes da baiuca, entraram para se recolher da chuva, a pretexto de tomarem uma chavena de café. Parece que arrecearam misturar-se com a gentalha que enchia a sala de fóra, e por isso entraram para um gabinete. Ahi, aprestaram-se logo duas *camareras* a servil-os, rivalisando ambas, á compita uma com a outra, em bamboamentos lascivos, sorrisos impudicos, contactos provocantes e phraseologia debochada. Todos os meios de seducção reles e barata eram desvergonhadamente aproveitados por ambas. Rivalisavam em ignominia e impudor, com uma indecencia revoltante. No meio d'essa revoltante scena de vicio um dos dois consumidores accidentaes, reparou, porém, que as formas d'uma das *camareras* atraiçoava demasiado uma virilidade masculina, que não estava muito a caracter com a sua *toilette*, cheia de arrebiques chulos, com o penteado preso por ganchos doirados, com as faces grosseiramente pintadas a carmim. Nascida a suspeita, foi-lhe facil averiguar que não se tinha illudido e interrogando naturalmente sobre o episodio, que lhe pareceu extraordinario, recebeu uma resposta, que não é possivel transcrever, mas que no seu mixto de cinismo, desfaçatez e inconsciencia repugnante, revela até que ponto se podem obliterar todas as noções da vergonha, da dignidade, do respeito proprio e alheio. Um vicio antiphysico, a que alguns especialistas deram os nomes de pederastia e de andromania, ajuntara n'aquelle coio de vergonha uma meia duzia de miseraveis, que faziam um trafico de prostituição, tão revoltante pela sua vileza como pelo nojo que provoca. Não nos é possivel ir mais longe em explicações. D'aqui por diante, a tarefa pertence ao medico e ao juiz.

O procedimento da policia.—D'este caso teve a policia conhecimento por uma carta circumstanciada, e de ahi resultou encarregar alguns agentes de visitarem, a iguobil baiuca. Lá encontraram elles, vestidos de mulher, com as caras estanhadas cobertas de pintura, cinco d'aquelles repugnantes personagens. Foram presos e conduzidos para o governo civil. Não sabemos se o café foi fechado: devia sel-ol

Infelizmente a nossa legislação não prevê estas vergonhosas aberrações. Não estabelece penalidades para ellas, com o rigor que se torna necessario. Pois é preciso attender a essa omissão. Torna-se urgente.

Falta de farinha no Porto. — Aggravou-se enormemente a situação dos padeiros no Porto. Os consignatarios haviam feito constar na segunda-feira que chegariam 2 vagons com farinha Extra e n.º 1, e que seria posta á venda, a começar do meio dia de terça-feira. A essa hora reuniram-se no Caes da Alfandega, padeiros em numero superior a 150, sendo-lhes dito que não chegára a farinha annunciada e que, por isso, se servissem dos numeros que ainda havia e que eram 18 Extra-137 n.º 1, 140 n.º 2 e 18 n.º 3, o que fazia com que a cada padeiro não coubesse uma sacca de farinha da que os fornecedores impingem como melhor. Os padeiros, descontentissimos, protestaram, resultando comparecer alli, pouco depois, uma força de 40 policias civis, das esquadras de Campanhã e da do commissariado da 3.ª divisão, commandadas pelo chefe Correia, com ordens superiores de intimar a compra da farinha existente. Como os pacificos industriaes dissessem da sua justiça, o chefe Correia mandou desapertar os capotes aos policias, pondo-os d'aviso á primeira voz. Os padeiros reclamavam a entrega de 2 vagons de farinha que haviam chegado á estação de Campanhã e que se destinavam a Guimarães. Pediram-a ao chefe da estação, sendo-lhes respondido por aquelle funccionario que não podia satisfazer os desejos dos padeiros, por isso que o seu dever assim lh'o mandava.

Compareceu depois o commissario da 3.ª divisão, sr. capitão Arriscado, que vinha participar aos padeiros, de ordem do chefe do districto, que se haviam já dado todas as providencias para que na quarta-feira alli estivesse a farinha precisa; e, que por isso, não havendo outro remedio, levassem da que havia em deposito. Os padeiros declararam que não podiam continuar a fabricar pão, porque a farinha lhes desacreditava as suas fabricas; e que prefeririam deixar de cozer, a servirem mal o publico. N'essa occasião, o sr. capitão Arriscado mandou expulsar do Caes o industrial Esteves, da rua do Bomjardim, e o manipulador Cardoso, representante do industrial Ribeiro, da rua do Loureiro; aquelle por declarar terminantemente que não compraria um kilo de farinha que alli se expunha á venda, e este por mostrar um pão de apparencia detestavel e fabricado com a farinha que o governo houve por bem fazer vender aos padeiros do Porto.

O sr. Guilherme Ehrardht, presidente da associação de classe, em nome dos industriaes do Porto, offereceu ao capitão sr. Arriscado, para que o communicasse ao governador civil do districto, os fornos de todos os padeiros, para que a auctoridade superior mande aproveitar a farinha recusada por elles, resalvando-se assim dos prejuizos que lhes vem trazendo as detestaveis marcas de farinha. O sr. capitão Arriscado insistiu no pedido aos padeiros para que gastassem a farinha, dizendo que não poderia acceitar aquelle offerecimento. Ahi está o resultado da teimosia dos nossos governantes.

Já depois de compostas estas linhas, diz um collega d'alli, de 13, mostraram-nos um telegramma que o sr. ministro das obras publicas dirigiu á auctoridade superior do districto, dizendo:

«Vae hoje farinha *Extra*. Na quinta-feira será publicado no *Diario do Governo* o decreto, permittindo a importação de trigo, e permittindo o despacho do trigo alfandegado.»

Effectivamente os postos estão abertos ao trigo estrangeiro. Esta medida foi já decretada.

PELO ESTRANGEIRO

Uma victima de politica de Italia.—O deputado italiado De Felice, mandado encarcerar pelos parlamentares italianos pelas suas affirmações avançadas, foi ha dias visitado pela filha na sua prisão de Volterra, pela primeira vez, pois só agora é que os esbirros d'aquelle paiz consentiram em acceder aos reiteradoe rogos filiaes. Essa senhora descreve em carta a uma amiga a entrevista commovente. D'ella respigamos os seguintes periodos:

«O uniforme de presidiario, a cara rapada, os olhos sem brilho, a face morta e livida, um enorme n.º 608 Impresso a azul sobre o coração, tudo isso o mudou por tal fórma que ninguem o conhece. Vêl-o assim é de ficar uma pessoa doida. Parecia que não era meu pae. A que estado está elle reduzido! Que poderei eu fazer para o arrancar a essa prisão? Se o guarda-môr não me houvesse dito: «Ahi tem seu pae» e se eu não sentisse o movimento do meu coração que para elle me impellia, ficaria immobilisada e tel-o-hia fitado sem o reconhecer. A conversação, que durou uma meia hora, foi muito intensa e commovente. Disse-me que a sua saude declina em consequencia d'uma perda de sangue continua. Ha tempos, disse-me elle, tive uma hemorragia que durou 15 dias, e depois, de dez em dez dias, reproduz-se o mesmo accidente. Tranquillisa-te, disse-me, áquelles que me suppõem fraco, dize-lhes que sou forte, mas que mais fortes são as dôres que tenho a supportar. Ai, querida amiga, a taes palavras não pude reter as lagrimas e chorei sobre as infelicidades de meu querido pae. Nem sei como te escrevo; a commoção embarga-me, e parece-me que perco a razão.»

Uma historia de Felix Faure. — Henri Nicolle publica no ultimo numero da *Revue Illustrée* uma biographia do novo presidente da republica, onde, entre ou-

---

134 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

NONA PARTE

HORAS FATAES

XVI

ESCONDE-SE A MORTE ONDE ANDRÉ NÃO A ESPERA

Torrelamar, sem dizer sim nem não, levantou-se, não despresando de todo aquelle recurso que lhe assegurava a existencia; e quando já se dispunha a sahir do Casino com o seu amigo, sentindo ter dado publicidade áquelle lance, viu na sua frente o banqueiro, que lhe disse:

— Consta que o senhor tem ámanhã um duello de morte.

— Eu? exclamou Torrelamar surprehendido.

— Disse-o o senhor, e eu ouviu-o; por conseguinte como a somma que lhe ganhei legalmente constitui uma fortuna, rogo-lhe que me indique a hora em que possâmos pôr em ordem os nossos negocios.

—Nada mais justo, respondeu Torrelamar, não porque eu me bata ou deixe de bater-me, o que a ninguem deve importar, mas porque tenho o costume de considerar sagradas as dividas contrahidas ao jogo. Espero-o ámanhã em minha casa.

— A que hora?

— A's dez da manhã.

— Não faltarei.

Terminada esta ligeira conferencia, Torrelamar e Rodolfo sahiram do Casino.

— O meio que te propuz, disse Rodolfo, póde tambem livrar-te de pagar aos teus credores.

A estas palavras Torrelamar estremeceu ligeiramente, como se uma feliz idéa lhe illuminasse o cerebro.

— Queres dizer que o narcotico ha-de para todos passar por veneno, e o desmaio que produzir por morte verdadeira?

— Ainda agora percebeste!

— E' verdade, observou Luiz, fallando no meu duello, esquecemo-nos completamente do teu.

— Paulo não veiu nem virá, replicou Rodolfo estremecendo, porque é um covarde, segundo vejo; mas eu o procurarei.

—Bem sei que és muito capaz d'isso.

— Confio na minha destreza e no meu braço.

E os dois amigos, na apparencia, porque no fundo odiavam-se, desceram juntos até á fonte de Cibeles. Torrelamar consultou o relogio, e viu que eram duas horas da madrugada.

— Espero-te para almoçar ás onze horas.

— Não faltarei.

E separaram-se, encaminhando-se um ao seu palacio e o outro á rua dos Embaixadores. Destacava-se no fundo escuro da noite, com a severidade sombria de todos os edificios antigos, a casa de Lourença. A rua estava só. Rodolfo acercou-se e observou que a porta estava entreaberta, coando-se por ella, apezar da hora avançada, as ultimas irradiações do lampião suspenso no centro do amplo portico. Pelo postigo de uma das quatro grandes janellas de grades do andar baixo da casa coava-se uma debil claridade que, segundo Rodolfo, devia de illuminar o tranquillo somno, se não os pensamentos tempestuosos ou placidos d'alguem; talvez de Magdalena. Estimulado pela solidão e protegido pela sombra, chegou á grade, escalou os travessões de ferro, e do penultimo distinguiu, através do postigo, uma grande sala com uma meza no centro e sobre esta um bonito candieiro, detraz do qual estava uma mulher com a fronte occulta entre as mãos, inclinado o rosto, e fixo o olhar n'um grande livro que tinha diante de si.

Rodolfo reconheceu Magdalena.

— Ah! murmurou acariciando o cabo do punhal que levava no bolso; se accusas Moran e elle chega a ser condemnado, eu, seu ultimo descendente, juro vingar-me! Se ámanhã comsigo penetrar n'esta casa, não serão tão tranquillas as tuas meditações, porque o punhal que empunho agora erguer-se-ha sobre o teu peito!...

E afastou-se rapidamente da grade. Quando chegou á *plazuela* do Progresso dirigiu um sombrio olhar para a casa de André e deteve-se um momento, murmurando:

— Dorme, dorme! ámanhã arrancar-te-hei a existencia se Torrelamar se sujeitar aos meus planos, como espero!

E inclinando a cabeça, continuou a caminhar, dirigindo-se de novo para o Casino. Entrou nos salões e foi reclinar-se n'uma poltrona. As luzes, já meio apagadas, pareciam convidar ao repouso. Comtudo, Rodolfo não adormeceu promptamente; e quando sahiram os ultimos socios, disseram ao vêl-o descançando:

— Alguma aventura o fez tresnoitar.

Como suspeitar que sob aquelle exterior tão elegante e sympathico, batesse um coração tão depravado e existisse uma alma tão mesquinha? Rodolfo dormiu até ás dez horas da manhã. Ordenou um pouco o vestuario, e encaminhou-se ao sumptuoso palacio de Luiz Torrelamar. Este, que o esperava impaciente, levou-o para o seu quarto, e patenteou-lhe as suas ultimas disposições, para o caso de sobrevir alguma desgraça, dizendo por fim:

—Passemos á casa de jantar, meu amigo.

N'este momento appareceu Martinho e entregou a seu amo um bilhete. Torrelamar empallideceu.

— Conduze-o ao meu gabinete.

Depois, voltando-se para Rodolfo, cuja mão apertou visivelmente perturbado, proseguiu:

— Pouco me demoro: vou despedir um importuno.

Rodolfo approximou-se de um dos armeiros que Luiz tinha no quarto, tirou algumas pistolas, examinou-as, tomou depois o seu rewolver e começou a renovar-lhe as cargas, em quanto Torrelamar se dirigia ao gabinete, onde o esperavam dois homens. Um d'elles era o que na vespera lhe ganhára setenta e dois mil duros, o outro um homem baixo, descorado, magro, com cabello grisalho, fato preto e grandes oculos. Tinha o chapéu n'uma das mãos, e na outra um rolo de papeis.

— Sr. de Torrelamar, começou o primeiro estendendo-lhe a mão, a nossa conferencia será breve.

— Estou ás suas ordens, respondeu Luiz inclinando-se.

— Obrigado. Esta noite ganhei-lhe setenta e dois mil duros sob a garantia d'este palacio, e como, segundo consta, o senhor deve hoje bater-se, arriscando assim a sua existencia e a sua fortuna, venho acompanhado d'este senhor, tabellião d'esta cidade, para que se digne assignar a escriptura de venda do palacio...

— O que! exclamou Torrelamar interrompendo-o, então não confia na minha palavra!

— Confio; mas ha morrer e viver...

—Quer então que pela quantia em divida lhe ceda este palacio?

—Conforme, interveiu o tabellião, porque, segundo o contracto de venda, o senhor póde recuperar a sua propriedade se no prazo estipulado pagar a divida contrahida.

— Mas este palacio vale dois milhões!

— Rasão de mais para que acceda ao desejo d'este cavalheiro, por isso que o vende sem grande perda.

— Pois bem, disse Torrelamar, como isto não ha-de ser mais que uma simples garantia, porque se eu sahir bem do duello pagarei immediatamente, não tenho duvida em assignar o que o senhor quizer; mas depois vernos-hemos no terreno que os homens de honra destinam para discussão de certos assumptos. Traz a escripta?

— Aqui está, respondeu o tabellião estendendo sobre a meza os papeis.

Torrelamar leu ligeiramente as clausulas do contracto, e assignou com indignação e altivez.

— Estão satisfeitos? perguntou.

— Completamente.

Apenas se retiraram os dois, Torrelamar voltou á sala de jantar, onde o esperava Rodolfo. No centro da sala erguia-se uma meza admiravelmente preparada. Fervia o Champagne dentro das garrafas, e de espaço a espaço brilhavam n'outras garrafas o Rheno, o Xerez, o Madeira e o Bordeos. No meio via-se um elegante ramilhete. Entravam e sahiam os criados, com suas librés de gala. Alguns rapazes entraram ruidosamente, tomaram assento em redor da meza, abraçaram o amphitryão e pediram o almoço, para dispensar-lhes da melhor maneira possivel as honras da despedida. Torrelamar mostrava-se taciturno. Sentou-se á cabeceira da meza, fez sentar Rodolfo á sua direita e pediu o almoço. Pouco depois apresentavam-se os melhores e mais delicados manjares da cosinha franceza.

Houve brindes, epigrammas, lisonjas, phrases bombasticas, e palavras joviaes, que Torrelamar escutou meio aturdido. Ao fim de uma hora, consultou o relogio. Era meia-dia menos um quarto. Um frio intenso começou a apoderar-se-lhe do corpo. Porque tremia? Os commensaes, observando-lhe a pallidez, consultaram-se com o olhar. Parecia avançar a catastrophe com passos de gigante. Rodolfo era o unico que permanecia impassivel, e observando o amigo, dizia comsigo:

— Tornou-se avaro da existencia; mas se elle não tiver coragem para tirar a vida a André, tel-a-hei eu!

E correu a occultar-se na sala immediata. Os relogios do palacio deram meio-dia e n'esse momento apresentou Martinho a seu amo um bilhete com o seguinte nome:—*André*. Os convidados soltaram um murmurio. Torrelamar estremeceu, levantou-se vacillante, dirigiu primeiro um olhar cheio de terror para a porta por onde Hervan tinha desapparecido, e voltando-se depois para o criado, ordenou com voz tremula e rouca:

— Que entre.

Ao mesmo tempo abriu-se a porta, e André, grave e severo, mas altivo e impassivel, appareceu no limiar.

Torrelamar fez-se livido.

— E' meio-dia, disse o recem-chegado.

E fitando o olhar nos convidados, testmunhas d'esta scena, proseguiu:

— Vim só, portanto exijo que o senhor não seja acompanhado.

E em quanto os commensaes se retiravam, dirigindo ao musico olhares de surpreza e de respeito, Torrelamar olhou novamente para a sala immediata, e viu Rodolfo entretido em armar e desarmar com toda a placidez o seu rewolver. Rodolfo occultou-se depois no sitio mais escuro da casa, de onde podia presenciar a scena, apontando o cano do rewolver á cabeça de André, que estava proximo, repetiu entre si:

— Se Torrelamar não tiver coragem, tel-a-hei eu!...

(*Continua.*)

tras, encontramos a seguinte interessante historia sobre Felix Faure. Ha coisa de dois mezes encontrava-se sentado n'um *fauteuil* d'orchestra de um theatro do *boulebard* um soldado de infanteria de marinha, imberbe e rosado que obtivera por algum amigo aquelle logar de favor. Depois de começada a representação, um grão senhor, envolto n'uma elegante redingote, de monoculo, veiu sentar-se ao lado do soldado. Esse cavalheiro, era Felix Faure, então ministro da marinha. O soldadinho, que nunca vira o ministro, não se atrapalhou com a visinhança, e este no intervallo entabolou conversa com elle e de confidencia em confidencia veiu a saber que o rapaz estava muito apoquentado porque perdera n'essa tarde a bayoneta. Felix Faure consolou o rapaz na sua desventura, conseguiu saber disfarçadamente qual era o seu numero, e deixou-o á sahida do espectaculo, sem lhe revelar quem era. Apenas entrou no dia seguinte no ministerio, o ministro pediu aos superiores do soldado que usassem de clemencia para com elle, de sorte que no dia seguinte, quando o soldado esperava um castigo severo, viu com surpreza que estava perdoado, e ouvia repetir aos sargentos do corpo: «Pois meu rapaz, tens muito bons conhecimentos.»

O soldado não percebeu o que lhe diziam e talvez só quando visse nos jornaes illustrados o retrato do novo presidente, soubesse o nome e a posição do seu illustre protector.

O attentado contra o embaixador marroquino.—A'cerca do processo instaurado contra o general Fuentes, que esbofeteou o embaixador de Marrocos, tiveram uma conferencia os srs. Lopez Dominguez. Bernardez Reina e marquez d'Estella y Canalejas, os quaes estudaram sobre o assumpto as leis estrangeiras e tendo consultado o codigo militar hespanhol, foram d'opinião que o general Fuentes incorreu na pena comminada pelo art. 137, que impõe para delictos d'aquella natureza um a seis annos de prisão em praça de guerra. Crê-se que o delicto do general Fuentes será considerado como militar, mas não obstante continua-se officialmente o estudo ás faculdades mentaes do precessado.

O traidor Dreyfus.—Eis o regimen de vida que leva o ex-capitão Dreyfus, o traidor, na penitenciaria de Saint Martin de-Ré. A cellula onde esse condemnado habita, é como as outras cellulas: um leito de campanha, de madeira, uma mesa de abrir e fechar contra a parede, uma enxerga, dois lençoes e um cobertor. Por excesso de precaução pozeram-lhe mais ferros na grade da janella. O regimen da prisão é applicado a Dreyfus com todo rigor e é vigiado de noite. De dia tem um guarda ao pé de si, o qual nunca lhe falla. Só o guarda-mór é que póde dirigir-lhe algumas palavras no momento em que se lhe distribue a comida, que é a mesma dos outros presos, sem a minima excepção. E' tal o regimen a que está submettido que qualquer pedido que formular ser-lhe-ha recusado. Está classificado entre os condemnados «perigosos».

Elle, como os outros presos, que arrumam o quarto, o limpa e lava. Só n'um ponto differe dos outros, não póde trabalhar mesmo que o reclamasse, visto que a sua penalidade não tem trabalhos publicos. Conserva o traje á paisana e o bigode, e não se occupa em cousa alguma. Algumas vezes escreve á familia. Quando é conduzido a passeio, acompanham-no dois guardas além da sentinella que d'arma carregada ao hombro, está postada á sahida. Dreyfus desde a sua chegada á penitenciaria perdeu o apramo. Desagradou-lhe,quando soube que ia ser transportado para a Guyana franceza. Em resumo, o ex-capitão Dreyfus, o altivo official, o traidor da sua patria,eil-o reduzido á ultima condição dos forçados:—gamella do rancho, pão e agua, sem luz e absoluto isolamento!

Eis a paga da sua traição e mais aggravada ficará quando fôr transportado para a Nova Caledonia.

A guerra chino-japoneza; resumo das operações. — Segundo lêmos n'um jornal estrangeiro, desde o desembarque da brigada do general Oshima em *Chemulpo, em 12 de junho de 1894,* chinezes e japonezes déram 17 batalhas e combates, em que os primeiros ficaram sempre vencidos. N'estes encontros, os japonezes tiveram 418 mortos e 1:665 feridos, e os chinezes 6:620 mortos e 9:500 feridos. Além d'isso,os japonezes tomaram ao inimigo 607 peças de artilheria, 7:400 espingardas, munições no valor de 2.000:000$000, mercadorias calculadas em 900 contos 268 cavallos, 3:326 tendas de campanhã, 21 navios mercantes, 3 embarcações de guerra e 1:164 prisioneiros.

Tudo isto é anterior á tomada de Wei-Hai-Wei e aos resultados d'esta victoria. Os calculos são extrahidos de um jornal japonez.

O frio.—Os dias 8 e 9 foram extremamente frios em França, Inglaterra, Belgica e Allemanha. De Londres dizem que, na maior parte dos condados, o frio excedeu todos os que se observaram n'este seculo. Appareceu muita gente gelada, sem signaes de vida. O Tamisa chegou a gelar. Na Escossia a neve intercepta as communicações. O incidente mais caracteristico da chronica do frio na Inglaterra foi o que succedeu no condado de Cumberland, que é o paiz dos lagos. Uma boda que se dirigia para a egreja de Arleedon para a ceremonia do casamento, ao entrar no templo ficou bloqueada pela neve e teve que passar a alli, com excepção do sacerdote que não podéra avançar e do noivo que foi detido pela neve, que em sitios tinha mais de 4 metros de altura. Foi preciso que 200 operarios abrissem caminho para a igreja, podendo então o sacerdote proceder á benção nupcial.

A perda do «Elbe»; dois noivos.—O consul allemão em Lowestoft foi informado de que entre as victimas da catastrophe do *Elbe* se achavam dous noivos. Um dos tripulantes salvos viu-os no convés, completamente serenos no meio do tumulto e do pavor que reinava em todos os passageiros. O mesmo tripulante conta que a noiva recusou abandonar o marido quando foi dada ordem ás mulheres que passassem para estibordo. Os noivos pereceram no naufragio!

A envenenadora d'Anvers.—E' na prisão cellular de Anvers que madame Joniaux cumprirá a não ser que intervenha alguma disposição especial, os dez primeiros annos da pena a que foi sentenciada. A lei belga só permitte que os condemnados sejam submettidos ao regimen cellular durante dez annos. Terminado este praso os condemnados podem optar pela prisão commum ou pela continuação do regimen cellular.

Uma esquadra destruida.—As ultimas noticias recebidas de Chefu annunciam a occupação de todos os fortes de Wei-Hel-Wei e da ilha de Lin-Kung-Tan pelos japoneses. As tropas chins, que guarneciam as baterias estabelecidas nas collinas do centro da ilha e que estavam hostilisando os aggressores, fugiram ou entregaram-se aos vencedores. Na sexta-feira 8, ficaram em poder dos japonezes todas as posições. Dos oito navios de guerra que formavam a esquadra de Pei-Yang, commandada pelo almirante Ting, uns foram a pique e outros foram capturados pelos japonezes. São já conhecidos alguns pormenores da porfiada lucta contra Wei-Hai-Wei. D'esta vez bateram-se com desusado brio os soldados do Celeste Imperio, e o general Chang, defensor da ilha do Liu-Kun-Tan, demonstrou energia e tenacidade pouco communs. Os marinheiros japonezes procederam com grande cautela para evitar surprezas e catastrophes. Desde o anoitecer do dia 4 dedicaram-se a limpar de torpedos as entradas do porto, onde era perigosissimo navegar. Noite fechada entraram o porto, e sabendo onde se achava fundeado o couraçado chim *Ting-Yuen*, lançaram contra elle um torpedo e fizeram-n'o ir a pique. Muitos dos tripulantes do navio destroçado pereceram afogados, porém a maioria conseguiu salvar-se dirigindo-se a nado para a costa. No dia 5 começaram os japonezes o canhoneio, disparando dos seus navios e dos fortes de Wei-Hai-Wei, que já haviam occupado, contra a esquadra china, e ao anoitecer os torpedeiros atacaram os navios chins fazendo ir pelos ares o cruzador *Lai-Yuen*, o couraçado *Chem-Yuen e o Pao-Una.* Os demais navios do celeste Imperio cahiram nas mãos dos vencedores no seguinte dia; alguns d'elles tinham avarias irreparaveis, apesar de que o almirante Ito havia ordenado os seus subordinados que procurassem apoderar-se dos barcos e cuidassem em não os destruir.

Exercicios de inverno.—Apesar do frio que attinge quasi todas as noites 20 graus centigrados, as tropas da guarnição de Strasburgo, entregam-se, com grande actividade, ás manobras de campanha. Ha trens especiaes que os levam de madrugada,ora para Brumatle, ora para Saverne, e, depois d'um dia de exercicio em que o rancho se prepara ao ar livre, voltam de noite ao quartel, em trens especiaes tambem. Estes exercicios effectuam-se em virtude das ordens do imperador da Allemanha, que quer familirisar o exercito com as condições particulares da guerra durante o inverno. Graças ás precauções tomadas, essas experiencias não tiveram ainda serios inconvenientes para a saude dos soldados.

O paquete «Gascogne».—Está causando em França certa anciedade o não se ter recebido noticia da chegada a New-York do paquete *Gascogne*, pertencente á Companhia Transatlantica, que levava grande numero de passageiros e um carregamento avaliado em 720:000$000 réis. No escriptorio da Companhia está-se persuadido de que a demora do paquete é devida apenas a alguma avaria na machina ou no helice, como succedeu ao paquete *Picardie*, que andou 30 dias sem rumo e foi encontrado com o helice partido. O paquete *Gascogne* tem 155 metros de comprimento por 15 de largura. A sua lotação é de 7:000 toneladas e a machina tem uma força de 9:000 cavallos.

Este navio já appareceu sem que nada soffresse.

Um louco assassino.—Um telegramma enviado de Constantinopla ao *Imparcial*, de Madrid, pelo seu correspondente n'aquella cidade turca, noticía que um soldado, accommettido subitamente por um horrivel ataque de loucura percorreu varias ruas correndo de sabre desembainhado e atacando quantos transeuntes se lhe deparavam. Matou cinco pessoas, e feriu umas poucas, uma das quaes gravemente. A muito custo, foi preso e desarmado.

Creanças sãs e robustas.—Ultimamente o célebre abbade alsaciano Kneipp fez uma conferencia ácerca do seu methodo de tratar as creanças. E' o seguinte:

«Querendo-se que as creanças sejam sãs e robustas, disse, mergulham-se na agua, não quente mas fria, que é a melhor. Pega-se na creança, logo que tenha dous ou tres dias de idade, e mergulha-se na agua fria até ao pescoço, conservando-a assim até que se pronuncie: um dous tres. Em seguida retira-se da agua a creança, que quasi sempre dorme depois cinco horas. Procede se d'este modo até aos dous annos. Depois d'esta idade, bastam dous banhos ou tres por semana. As creanças assim tratadas toruam-se verdadeiros gigantes e sãs do corpo e do espirito.» O banho frio tambem influe no espirito, diz o abbade!

Neves e frios.—Os jornaes de Pariz referem que no dia 10 appareceu a Sena gelado diante de Pariz e que o inspector de navegação d'aquelle rio tratou de mandar quebrar o gelo por baixo dos arcos das pontes e em volta de todos os barcos e estabelecimentos nauticos, a fim de impedir qualquer catastrophe quando se der o desgelo. De Strasburgo dizem que o frio e a neve forçou os lobos a sahir das florestas, verificando-se que nos bosques dos Vosges ha grande numero d'aquelles animaes carniceiros, muito mais do que se julgava. Em algumas aldeias têem apparecido os lobos, atacando o gado e os cães.

A navegação nos canaes de Amsterdam acha-se interrompida por estar a agua inteiramente gelada. Os barcos rompe-gelo trabalham incessantemente para que se reata a navegação. Rotterdam esteve no dia 10 em communicação com o mar.

Varias noticias.—O filho do fallecido marechal Canrobert, tenente de caçadores da Africa, considerou uma offensa á memoria do pai o discurso que o deputado radical Hubbard pronunciou, ao combater a concessão do credito de 20:000 francos para as despezas dos funeraes do velho militar, comparando n'essa occasião Canrobert a Bazaine.

O tenente Canrobert mandou desafiar Hubbard, mas como está doente o duello teve de ser adiado. Realisado agora Hubbard ficou gravemente ferido no peito.

— Em Santhiago da Galliza está-se organisando uma tuna que em breve percorrerá a Galliza e parte de Portugal. A tuna, segundo os jornaes gallegos,é composta de estudantes que cursam na universidade d'aquella cidade.

— Em San Sebastian espera-se o rei da Servia, que presentemente se acha em Biarritz.

COMMUNICADO

O JULGAMENTO DE CAETANO CAVACO

Sr. redactor.—Devo, ao favor de um amigo, o conhecimento da correspondencia publicada no *Campeão das Provincias*, em que, n'um tropel de calumnias, se noticía o julgamento de Caetano Rodrigues Escudeiro—o *Cavaco.* Não valeria a pena remexer em infamias,se alguma coisa de grave não ferisse a minha attenção, e tal é o querer-se affrontar o sagrado direito de defeza, que, ao caracter mais dessorado, deveria impôr comiseração e respeito. Mas como tal não succede, e se quer, aleivosamente, tripudiar sobre a desgraça alheia, haja alguem que a favor dos infelizes levante uma crusada, sem o odio que inflama o cerebro do correspondente, mas com o sangue frio que a justiça impõe, e a sinceridade que deriva d'uma convicção bem fundada. E, porque se chama o testemunho publico a corroborar falsidades,ha de haver na imprensa um logar para mim—eu não sou o publico, mas represento uma opinião—e, por Deus, ella prevalecerá no animo dos honestos, contra a perfidia que expludiu de um antro de rancores.

Diz Goethe: «Tu amas? faz do teu amor um poema», mas o correspondente do *Campeão* faz do seu odio artigos para os jornaes, aggredindo traiçoeiramente um homem,a quem os ferros d'uma prisão vedam qualquer desforço. Para que, sr. redactor, todos se convençam da falsidade das accusações, assacadas gratuitamente, contra o infeliz Cavaco, bastará citar alguns factos,que orientam perfeitamente esta desgraçada questão.

Diz o correspondente, que os senhores jurados estiveram conferenciando durante cinco horas, votando, afinal, a maioria, pela condemnação do reu. E' preciso, pois, explicar o motivo de tão celebrada demora, e para isso reproduzimos, na integra, o que a tal respeito diz o *Primeiro de Janeiro*, em uma correspondencia d'Estarreja, onde se relata, com inteira verdade, o succedido em tão memoravel julgamento:

«Terminou no dia primeiro do corrente mez, ás dez horas da noite, o julgamento, em audiencia geral, de Caetano Rodrigues Escudeiro, accusado de praticar o crime de homicidio voluntario na pessoa de José Rodrigues Nora, da freguezia de Salreu. Os srs. jurados estiveram conferenciando, por espaço de cinco horas, votando a maioria pela condemnação do réu. Para este resultado contribuiu um facto que seria engraçado, se não fosse sordido:

«Como é sabido, as decisões do jury são sempre tomadas por maioria absoluta; e, como não era possivel obtel-a, por cinco jurados votarem pela absolvição e quatro pela condemnação, accordaram os dois grupos contendores, depois de renhida lucta e talvez influenciados pelo frio cortante da noite, em que o destino do réu fosse decidido pela sorte, lançando para tal fim em uma urna duas listas, uma das quaes tinha exarada a sua condemnação. O accaso investiu contra o desgraçado, sendo, portanto, a bolsa do quino soberana juiza n'este pleito! A sentença produziu na maioria do publico uma impressão dolorosa, porquanto as provas adduzidos no tribunal não auctorisavam semelhante resultado. Demais ha circunstancias que fazem do réu um verdadeiro martyr. Uns infames, que mantinham relações illicitas com a mulher do accusado foram as peores testimunhas e empregaram toda a sua influencia para que o réu fosse levado aos antros da penitenciaria!»

Como este fim do seculo se evidencia pelo dessoramento de caracteres!

Que os tribunaes superiores, a quem o infeliz vae pedir justiça, remediem este erro, com o que muito tem a lucrar a moralidade publica.»

Nada mais é preciso, sr. redactor, para mostrar quantas infelicidades collaboraram contra o reu, a par da influencia de devotados inimigos, na vanguarda dos quaes se alistou o correspondente do *Campeão.*

E para que mais doestos contra um homem já sentenceado, e que a Relação abriga nas suas enxovias? Para que mais escarros, cuspidos sobre um infeliz a quem duras algemas esmigalham os pulsos? Eu tenho, para o extranho caso, uma explicação cabal: O reu, fundando-se no modo illegal como o jury procedeu, deixando o *accaso* resolver um pleito, que só á consciencia pertencia julgar, facto de que os proprios senhores jurados estão arrependidos, como publicamente confessam, appellou para a segunda instancia, confiado na suprema justiça da sua causa; e, para que, malevolas arguições, possam influir no animo dos tribunaes superiores, veem, os Aristarcos de apelão, trazer á imprensa as escorias dos seus rancores, sem medirem as funestas consequencias que d'ahi podem advir contra um desgraçado, a quem o correspondente é devedor de relevantissimos serviços.

Pois attribue-se ao reu a pratica de tantos crimes, e o registo criminal não os constata?! Imputa-se ao reu um comportamento irregular, e as pessoas mais gradas d'esta freguezia foram, em audiencia, attestar o contrario?! Haja mais censo e sejamos humanos! E' da piedade dos vivos não calcar os covaes dos que partiram. E, bem mais triste que a morte, é a misera situação do infeliz Cavaco, vendo-se escarnecido na sua boa-fé, roubado aos filhos que estremecia, e vencido, tão cedo, na sua pujança de trabalhador!

Salreu, 10—2.°—95.

Alguem.

SECÇÃO AGRICOLA

PODA SECCA DA VINHA

A poda secca da vinha executa-se durante o repouso da vegetação. Estamos na temporada das podas; chegada é a occasião de se dizer alguma coisa sobre ellas. Porque se poda uma videira? Para fazer varas fortes com olhos perfeitos d'onde provenham bons pimpolhos com maior numero de cachos do maior tamanho possivel, sem se arruinar a planta. Eis tudo, que tanto é!

Conforme as regiões, conforme a natureza, fertilidade, disposição e exposição dos terrenos, conforme as castas de videira, a edade e forças da cepa e seu systema de plantação assim ha differentes epocas na maneira de podar. Vê-se, portanto,que determinar a melhor occasião e a melhor forma de operar a cepa não é problema de muito facil resolução. Para cada caso especial uma nova pratica.

A poda no cedo não é viavel em regiões castigadas por geadas tardias e, no emtanto, deve ella tomar se como boa regra geral e tanto maior applicavel quanto maior fôr a edade da vinha. Lá diz o rifão hespanhol: si la viña velha quieres volver moza pódala com hoja. A poda temporã, executada antes dos grandes frios invernaes, faz com que as feridas abertas estejam cicatrisadas quando estes chegam damnificando pouco ou nada os pollegares.

Os rebentos temporões formam melhores sarmentos e melhor uva.

Em terrenos baixos e fertois, porém, convém podar antes mais tarde, quando os olhos das pontas começam mesmo a rebentar. O derramamento da seiva é n'este caso talvez util. A vide perde um pouco de força para o crescimento aereo, o que seria prejudicial em vinhas fracas de terreno ruim, mas desenvolverá mais raizes e dará fructo melhor.

Toda a questão na poda está em concentrar n'um pequeno numero de olhos as forças da planta, que, sem essa operação, se repartiriam pelas varas acumuladas de annos, malbaratando-se. Ramo que deu fructo é vara inutil, prejudicial mesmo, pois que utilisa alimentos sem os pagar. Então corta-se ou utilisa-se para mãe de olhos que darão uva. Podem reduzir-se a quatro typos as innumeras podas empregadas na pratica usual:

— Poda curta, quando se deixam até tres olhos n'um pollegar;

— Poda media, até seis olhos;

— Poda longa, d'ahi para cima até vinte e mais;

— Poda mixra, aquella em que se deixa, não só um *pollegar mas tambem* uma vara. Em Franca é a poda longa odoptada nos vinhedos mais preciosos; diz-se porém, que a uva da vinha assim podada é menos rica em assucar do que a da podada curto.

O mostro d'esta é ás vezes assucarado mais tres graus do que o d'aquella, facto este de observação vulgar e antiga. E não será essa uma vantagem a colher para a massa dos nossos vinhos de pasto accusados de alcoolicos em excesso?

Em contraposição, porém, diz o sr. Foex, um grande mestre, que nem todos os antigos vidonhos meridionaes da França se comportam bem com a poda longa. Cita n'estes casos o *Aramon*, o *Carigan*, o *Marrastel*, o *Mourvédre* e outros que apenas soffrem poda curta. Como castas contrarias a estas: o *Syrah*, o *Pulsard* e o *Cabernet-Sauvignon.* Accrescenta ainda que a maior parte dos productores directos americanos do grupo *Æstivalis*: *Jacquez*, *Herbemon*, *Cunningham*, *Black July* pede poda longa.

Infelizmente ainda entre nós não á observações colligidas sobre a melhor forma de podar castas portuguezas.

Limito-me por isso a chamar a attenção dos viticultores para este ponto, a saber que nas suas vinhatarias devem existir cepas dando-se bem com podas prejudiciaes e outras.

Outra questão a considerar na poda é a do numero de cepas n'uma extensão dada de terreno. As plantas que dispõem de meio metro quadrado de terra não podem aguentar o mesmo numero de sarmentos que sustentará uma outra occupando dois metros quadrados. Póde assim esgotar-se uma vinha ou desaproveitar as suas forças.

E' evidente pois que a poda determina um producto maior ou menor com qualidades differentes podendo variar conforme um ou outro methodo applicado em variedade de climas, solos e cultivos. Guyot perfilhando e vulgarisando um systema de poda em que falla já Columela, applicado em differentes pontos da peninsula, procurou combinar a producção fructifera abundante com a producção de vara forte e bem constituida, penhor d'uma grande e boa producção no anno seguinte. Consiste n'uma simplicissima poda mixta, com pollegar e vara.

O pollegar a dois olhos dá duas varas, que se conservam erguidas para se fortalecerem—sabe-se que a seiva tendendo a elevar-se, seguirá assim o caminho natural para robustecer o sarmento; —a vara que se deita ou geme deixa-se com dez, quinze ou mais olhos—isso depende de varias condições que apontei já—olhos d'onde virão os pimpolhos portadores de fructo. Essa vara será depois completamente supprimida na poda seguinte. A outra geme se, conservando-a horisontalmente presa na ponta a um tutor e será a vara do fructo do anno. Todas as mais varas se cortam rente á excepção de uma em que se deixam os dois olhos: é o pollegar para dar sarmentos. E' esta uma poda para vinhas robustas, bem plantadas, isto é, com as cepas convenientemente espaçadas, vinhas adubadas com largueza e em optimos terrenos. De contrario é uma poda esgotante e cara. Além da mão d'obra ha que entrar em linha de conta com a despeza de acquisição de paus para a empa.

(Da *Agricultura Contemporanea).*

BIBLIOGRAPHIA

O Mestre Popular.—O sr. Joaquim Gonçalves Ferreira Junior, um incansavel editor lisbonense, da Travessa do Corpo Santo, 29, 4.°, acaba de encetar a utilissima publicação do *Mestre Popular Aperfeiçoado* com o *francez seu mestre*, livro cujas vantagens são de tal modo reconhecidas, que dispensam recommendação especial. Methodo distincto de ensinar, sem auxilio de professor, a conhecer, fallar e escrever as linguas, elle allia a esta grande qualidade uma simplicidade de ensino vantajosissimo, e, o que é tambem para attender muito, a economia que se não encontra em nenhum outro. A distribuição é feita semanalmente, aos fasciculos de dois numeros, pelo preço de 80 réis, pagos no acto da entrega. A obra constará de 25 fasciculos de 16 paginas, e o seu custo será de 2$000 réis o curso completo, brochado. Nas *Popular Aperfeiçoado*, nas localidades onde a Empreza tenha correspondentes. Esta publicação, que aos nossos leitores recommendamos muito especialmente como digna que é da sua acceitação, é de todas as que conhecemos a melhor e a mais completa.

Historia dos Papas.—E', como temos dito já, uma explendida publicação illustrada, magnificamente illustrada com numerosas e finissimas gravuras, entre as quaes se destacam as dos mais notaveis monumentos do globo, e devida á penna brilhantissima de Mauricio La Chatre. Vae já no seu fasciculo n.° 40, e pertence tambem á acreditada edicção da rua Victor Cordon, 36, 1.°, Lisboa. As condicções da sua assignatura, são:—Lisboa: Um fasciculo semanal, de 16 paginas, em 4.° grande, a duas columnas, n'uma elegante capa illustrada, pago no acto da entrega, 80 réis. Provincias: Um fasciculo quinzenal, de 4 folhas de 8 paginas, illustradas com 8 gravuras, n'uma elegante capa, pago adiantadamente, 160 réis.

A carteira d'um latino. — O considerado jornalista, director da antiga *Folha Nova*, o sr. Emygdio d'Oliveira, acaba de dar á estampa o seu magnifico livro ha tempo annunciado, um bello volume em 8.° grande, com 356 paginas de brilhantissimos escriptos, como os sabe fazer o antigo *Spada* d'aquelle diario republicano, e que tem por titulo o que nos serve de epigraphe. Faz gosto lêl-o, tão profunda e agradavel é a impressão que se recebe ao folhear aquellas preciosas paginas. Pelo summario, que damos em seguida, e pelo annuncio que vae na respectiva secção, comprehenderão os leitores o seu interesse e avaliarão do seu muito merecimento. Eis o summario:

* * * — A's almas beatas. — Canções d'abril. — O nosso 1.° de maio. — A festa das rosas. — Canção das uvas. — Triptyca. — A canção dos beijos. — A casa dos phantasmas. — A primeira vez. — Como se morre. — A canção das rosas e do luar. — As economias. — Senhor de Mattosinhos. — Triptyca. — O vaso de balsamina. — Flor de ciume. — De sua eleição. — Fim de seculo. — Os esgotados. — A canção da saudade. — Lenha que não arde. — Arvores cortadas. — Flor do resurreição. — A rua. — O coração em pedaços. — Côr de perola. — A pessoa que Deus nos manda. — Noite de Natal. — Nada! — As mães criminosas. — Os pescadores. — Os crysanthemos. — Mulheres de Christo. — Flores de sangue. — A bordo do *Zambeze*. — A ballada da novoa. — Os morangos e as amoras. — Consolação. — Lux et umbia. — Embriaguez. — Cinza. — O devocionario. — Os pescados. — As negras borboletas. — Consolar os tristes. — Fallar só. — Emigrar! — Uva côr de rosa... — Anthero do Quental. — O que os bemaventurados não comprehenderão jámais. — Fim de outomno. — Se eu fosse comtigo á beira-mar... — Sobre o gêlo. — As mimosas. — Se eu fosse comtigo para o campo... — Vêr casas. — Innocencia. — As praias. — Os milagres. — Cilinha. — Saledade.

A edição, primorosamente feita, é da conhecida e conceituada «Livraria Popular Portuense», do sr. Antonio J. Fernandes, largo dos Loios, 45, Porto.

Revista Theatral. — Temos presente o n.° 2 d'esta interessante publicação quinzenal de assumptos theatraes, habilmente redigida e superiormente tractada. Já nos referimos ha tempos á sua util publicação, e cada vez nos convencemos mais do seu valor artistico e litterario. O n.° presente tracta:

A ira das musas, por Henrique Lopes de Mendonça; *Entreactos*,por Laim; *Questões do dia*, Os Cabotinos,por Joaquim Miranda; *A revista e a imprensa*; *Revista dos theatros*, Theatro de S. Carlos, por A. M.—Theatro de D. Maria II: *As ovelhas de Panurgio*—Theatro D. Amelia—Theatro do Principe Real: *Os fidalgos da Montanha*—Theatro da Avenida: *A ave do Paraizo*, por J. M; *Correspondencias*, por Garcia de Miranda; *Actualid des*, A questão Coquelin—A Homenagem aos auctores em Portugal,—A questão Lucinda Simões, per Petronius; *Necrologia*, Francisco Palha e Julio Cesar Machado—Frederico de Sousa—Joaquim Bento—Raul Toché—Pradeu; *Os grandes successos de Paris*, Pour la Couronne; *Pour la Couronne*, Tragédie en 5 actes por François Coppaee. — Troisieme acte, scene v. *A nossa collaboração. Variedades.*

Bibliotheca dramatica; *O saltimbanco*, por Antonio Ennes.—1.° acto, scenas III IV V.

Abel Botelho, Accacio Antunes, Alberto Braga, Antonio Ennes, A. M., Augusto Lacerda, Augusto Mello, Collares Pereira, Eduardo Garrido, Fialho d'Almeida, Garcia de Miranda, Gervasio Lobato, Guiomar Torrezão (D). Jayme Seguier, João da Camara (D). Joaquim da Costa Cascaes, Joaquim Miranda, José Antonio de Freitas, Lino d'Assumpção, Lopes de Mendonça, Lorjó Tavares, Marcellino Mesquita, Mariano Pina, Maximiliano d'Azevedo, Moura Cabral, Pinheiro Chagas, Rangel de Lima, Rangel de Lima Junior, Schwalbach Lucci, Theophylo Braga (Dr.), Thomaz d'Almeida (D).

Quanto a assignaturas, o preço geral para Lisboa, provincias, Ilhas e Africa é de 24 numeros 2$400, 12 numeros 1$200, 6 numeros 600, avulso 120 réis. Assigna-se e vende-se em Lisboa. Redacção e administração, rua do Carmo, 76, 2.°, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Relatorio.—A direcção da Associação Commercial do Porto, composta na sua totalidade de cavalheiros respeitabilissimos, acaba de fazer publicar o relatorio da sua notavel gerencia, notavel pela natureza salutar, benefica e utilissima, e d'elle nos honrou com um exemplar que muito agradecemos.

Para se avaliar da importancia d'esta publicação e dos trabalhos realisados por aquella honrada e tão considerada associação, publicamos em seguida o summario das materias descriptas, e para elle chamamos a attenção dos nossos leitores:

Summario das materias principaes, contidas no *Relatorio da Associação Commercial do Porto*, respeitante ao anno de 1894, 1 vol. 262 pag. e 15 mappas, dividido em duas partes:

PARTE PRIMEIRA:—Socios fallecidos—Socios honorarios—Direcção em 1894—O artigo 9.° dos Estatutos, Considerações—Movimento e existencia social.

A administração interna, suas dependencias:—A Secretaria, o Archivo, a Bibliotheca, o Gabinete de Leitura, a Bolsa, as obras do Edificio, as obras da Barra do Douro, o Telegrapho Maritimo e as estações semaphoricas do norte do Douro até Leixões. Situação financeira da Associação:—Contas, e movimento para 1895. Iniciativa e intervenção da Direcção em differentes trabalhos:—Regimen fiscal de importação de garrafas—Regimen fiscal dos alcooes—Medidas tributarias do governo—Tarifas ferroviarias—Caixeiros viajantes em transito nas vias ferreas—Ramal da Alfandega e estação terminus—Caminho de ferro urbano—Tratados de commercio, nomeadamente com a Allemanha—Conflicto diplomatico com o Brazil—Commercio maritimo—Pilotagens de embarcações costeiras—Soccorros prestados pela Associação á classe piscatoria—Creação de um districto commercial na casa da Associação—Codigo do Processo Commercial—Cobrança de dividas de pequeno valor—Situação mercantel da praça do Porto—A fusão dos bancos portuenses no novo banco Commercial do Porto—Producção e commercio de vinhos—A exportação pela barra do Douro.

Relatorios parciaes:—Do Director dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.—Do Director das Obras da Barra do Douro.—Movimento economico da Associação em 1894.

PARTE SEGUNDA:—Principaes documentos de correspondencia — Synopse dos trabalhos da Direcção—Legislação—Publicações recebidas por offerta—Synopse dos trabalhos da Secrataria.

Estatistica:—Movimento commercial do Porto—Sua comparação com annos anteriores—Movimento do porto de Leixões em 1894 e comparação com annos anteriores—Movimento do registo de Tribunal do Commercio do Porto.

CARTA DE LISBOA

15 DE FEVEREIRO DE 1895.

O *Diario* d'hontem publica o contracto entre o governo e o Banco de Portugal, precedido d'um longo relatorio justificativo e elucidativo. São conhecidos os fundamentos d'este novo accordo de serviços do thesouro. Em resumo, o Banco tinha a auctorisação para emittir 54:000 contos de notas; fica agora auctorisado a emittir 63 mil contos, ou mais 9:000 contos, os quaes são destinados ao governo, visto que 3:000 contos são augmento da conta corrente ordinaria, a qual era de 12:000 contos e passa a ser de 15:000, e os restantes 6:000 contos constituem conta supplementar. São, portanto, novas disponibilidades que o thesouro creou para occorrer ás suas necessidades de caixa. Estes 21:000 contos de contas correntes são gratuitos, havendo uma economia de 240 contos effectivos e uma eliminação de despeza na parte que vier o estado a utilisar nos novos creditos abertos. Fixam-se em 20 °/₀, no maximo, as percentagens a deduzir dos lucros para fundos de reserva, conservando-se o minimo de 10 °/₀ dos actuaes estatutos. Portanto, torna-se effectiva a partilha de lucros com o estado, pela metade excedente á distribuição do dividendo de 7 °/₀, o que no anno findo, a que já é applicada, representará cerca de 260 contos. Assim o total das economias orça por 500 contos. O estado substitue a caução do emprestimo de 7:000 contos, constituida pelo direito a emittir 9:000 contos effectivos de obrigações dos tabacos, por divida interna; e permitte a venda gradual d'estes fundos, á medida que o mercado interno os poder absorver por collocação definitiva, afim de diminuir a circulação ou afim de augmentar as reservas metallicas. Define-se egualmente a fórma de amortisar a responsabilidade do estado por avaes, com uma percentagem a deduzir dos lucros, depois de reforçado o activo do Banco, ficando extincta desde já a responsabilidade por juros vencidos e vincendos. Eis a summula do contracto, que a imprensa independente está apreciando pouco favoravelmente.

— A familia Real, logo que teve conhecimento da morte da Senhora D. Maria José Huet Bacellar da Silva Pereira e Castro—El-Rei e Suas Magestades a Rainha viuva e a Sr.ª D. Amelia apressaram-se a mauifestar ao sr. conselheiro José Luciano de Castro, pessoalmente e por escripto, o seu pezar pelo failecimento de sua respeitavel cunhada. Sua Magestade El-Rei dirigiu-lhe logo um extenso telegramma, manifestando-lhe a sua dôr. Merece bem estes testemunhos de affectuosa consideração quem, apesar de tantas ingratidões, se tem mantido sempre e apesar de tudo na linha de respeitosa deferencia, quem mantem mais que as instituições, a propria dynastia.

— Chegou a Lisboa com sua ex.ma familia o distincto diplomata portuguez sr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos. S. ex.ª vem agora com tenção de demorar-se algum tempo no paiz, que o tem como um de seus filhos mais intelligentes e mais preclaros. Na estação foi esperado por muitos de seus amigos e por senhoras de toda a respeitabilidade.

— A reunião politica que hontem se verificou em casa do illustre chefe do partido progressista foi muito concorrida, resolvendo-se continuar na resistencia legal contra os impostos, e na celebração de comicios.

O de Leiria não se verifica ámanhã por causa do tempo, que continua tempestuoso. Foi o que se resolveu.

— O sr. ministro do reino tem estado atarefado com a reforma administrativa, e com a questão dos addidos. A reforma administrativa já tem duas revisões e não se crê que seja a ultima. O quer que seja vem breve.

— O sr. Adolpho Cyrillo de Souza Carneiro, cô-proprietario da *Voz Publica*, que ha tempo tinha sido mandado por além da fronteira, por incompativel rom a ordem, pois que apezar de estrangeiro se occupava bastante com a politica—diziam os regeneradores—foi *amnistiado* pelo sr. João Franco, por se haver compromettido a não se ingerir mais nas cousas politicas do paiz. Assim o sr. Souza Carneiro deve chegar dentro de poucos dias ao Porto, onde os seus amigos o receberão com jubilo.

— O tempo está causando desgraças por toda a parte. E' verdadeiramente triste o quadro que se nos apresenta em vista das calamidades que se contam, que são intensas e innumeras. Aqui, proximo de Lisboa é a costa de Caparica a que mais tem soffrido com os temporaes e a miseria alli é extrema. Caparica toda inundada offerece um aspecto tristissimo. As casas ameaçam ruina. Mulheres e creanças mendigam pelos logarejos proximos. Tem subido consideravelmente o nivel do Tejo e do Guadiana, e ha noticia de cheias terriveis em alguns pontos das provincias.

— Tornou-se muito notavel não terem os congressistas viticultores brindado a El-Rei no jantar com que festejaram a sua reunião. Seria esquecimento ou proposito? Ha muito quem opine pela ultima.

— Foram nomeados delegados do thesouro: para Faro, o sr. Luiz do Rego Barros Lima; para Angra, o sr. Carlos Joaquim Xavier da Silva; para Bragança, o sr. Eça Leal. Eram todos antigos inspectores de fazenda.

— O *Diario* publicou hoje uma portaria, determinando que os engenheiros chefes de secção das circumscripções hydraulicas procedam urgentemente aos trabalhos indispensaveis para acudir aos estragos produzidos pelas chuvas e evitar a continuação d'elles. N'esse districto deve haver que reparar, por isso que nos pontos onde as aguas afluem deve haver grandes prejuizos.

— Adiantam-se os preparativos para a nova expedição que deve seguir em principios de março para Lourenço Marques. Importa acabar por uma vez com as causas do mal que alli se soffre.

— Não tem fundamento a noticia de que a penitenciaria de Coimbra seja destinada para presidio militar. Aquella casa é indispensavel para a execução do regimen penitenciario e para o que será disposta parece que dentro de pouco tempo.

— O trigo que se achava nos depositos alfandegarios foi já hontem pedido pelos negociantes a quem pertencia. Vae pois haver farinha em crescida abundancia.

— Aqui, no estabelecimento dos srs. José Mendes & Leal, da rua de Santo Antão, n.° 74, está exposta uma mobilia de sala em tartaruga e bronze, para venda por 7:000$000 réis, e que foi adquirida ha approximadamente cincoenta annos por um rico fidalgo portuguez, na exposição de Paris, pela quantia de 18:000$000 réis. E' uma preciosidade que se recommenda aos curiosos endinheirados.

— Continuam os suicidios. Hontem lançou-se de um 4.° andar da Travessa de S. João de Deus, o cocheiro dos americanos Guilhermino Simões de Barros, que estava para casar com uma rapariga da Louzã. Era ainda novo, era sobrio e vivia sem apoquentações monetarias.

— Foram expedidas ordens, para que pela raia da Guarda e Figueira de Castello Rodrigo possa entrar pão cosido, livre de direitos, para minorar a miseria em que aquelles povos se encontram.

— Como já disse, ha fome por toda a parte. O Ribatejo porem não é onde o mal persegue menos. Em virtude das supplicas que d'alli chegam Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia mandou retirar do cofre dos inundados a quantia de 150$000 reis para ser distribuida em soccorros immediatos aos pobres do districto de Santarem que, por effeito das inundações, estão soffrendo fome e privações. Esta importancia foi logo remettida ao respectivo governador civil, que sollicitou o auzilio de Sua Magestade, com recommendação de attender tambem aos pobres da Gollegã que dirigiram telegramma á Rainha, por estarem com fome.

— Foi nomeado sub-delegado da comarca d'Albergaria o sr. Francisco Falcão da Silva Ribeiro.

Y.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

A QUEM CONVIER

PRECISA-SE para o escriptorio d'um jornal um individuo que escreva correctamente e que tenha a seriedade precisa para se desempenhar suficientemente do trabalho que lhe compete—trabalho em que não dispende todas as horas do dia, podendo applicar a sua actividade ainda a outro serviço. E por que o vencimento não pode ser largo, o encargo que é, não pode convir senão a pessoa d'aqui.

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

DE

ARMANDO DA CUNHA AZEVEDO

Rua dos Mercadores, n.° 10—1.° andar

AVEIRO

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario

José Murinello.

VENDE-SE

UMA horta á Fonte dos Amores, denominada *Horta do Gravelho*. Quem a pretender dirija-se a Jacintho Agapito Rebocho.

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTROS, SARNA, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

Sr. redactor do *Campeão das Provincias*.—Para que o publico tenha conhecimento de quanto na **Fabrica da Fundição do Ouro** se trata *constantemente* de dar ás suas construcções mechanicas, a par da maior solidez e perfeição, toda a possivel elegancia, rogo-lhe o especial favor de mandar publicar no seu importante jornal o attestado que junto envio, o qual muito se recommenda pelo facto de ser passado por um industrial tão auctorisado *e pela circunstancia de nos ter obsequiado com encommenda de 3 importantes caldeiras geradoras de vapor, dentro de tres annos.*

Sou com consideração

De v. etc.

S. C.—Porto e Fundição do Ouro, 31 de janeiro de 1895.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

—

Tendo-me o sr. Luiz Ferreira de Souza Cruz, digno gerente da NOVA COMPANHIA DA FUNDIÇAO DO OURO, fornecido tres caldeiras geradoras de vapor para a minha Fabrica de Tecidos, sita nas Devezas, Villa Nova de Gaya, a 1.ª construida em novembro de 1891, do comprimento de 5m,56c. e de diametro interior 1m,70c., que principiou a funccionar em julho de 1892; a 2.ª, de egual medida, construida em março do corrente anno e que principiou a funccionar em julho do referido anno; e ainda a 3.ª construida em agosto do anno presente, do comprimento de 4m,20 c. e diametro 1m,50 c. que principiou a funccionar em outubro p. p. (1894), todas do systema PANTIN; declaro que me dou por completamente satisfeito muito principalmente das duas ultimas, de uma construcção segura e elegante, que honra sobremaneira a fabrica onde foram construidas. Faço tambem conhecido que as duas primeiras estão carimbadas a 7 kilos e a terceira a 8 kilos, pressão a que podem funccionar.

Villa Nova de Gaya, 1 de dezembro de 1894.

(a) *José Mariani.*

COMPANHIA DO GAZ

ROGA-SE aos ex.mes srs. consumidores a fineza de se dirigirem á fabrica sempre que tenham reclamações a fazer ou ordenar quaesquer reparação nas installações afim de serem promptamente attendidos.

O director da fabrica,

Virgilio Braga.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

Loterias á venda n'esta casa

2.ª GRANDE LOTERIA DO ANNO NOVO

7 DE MARÇO

Sorte grande	40:000$000
Immediata	12:000$000
Terceiro	4:000$000

Todos os pedidos dirigidos a esta casa para todas ou para qualquer d'estas loterias são satisfeitos á volta do correio.

O Cambista Testa acceita agentes nas provincias para a revenda de bilhetes e cautelas e offerece boas vantagens.

Dirigir ao

Cambista TESTA

LISBOA

As pessôas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.* 5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

SUCCESSO LITTERARIO

—

A CARTEIRA D'UM LATINO

CHRONICAS, LEGENDAS & CANÇÕES

POR

EMYGDIO D'OLIVEIRA

Um magnifico volume em 8.° grande de 356 paginas, nitidamente impresso, 600 réis. Pelo correio 670 réis.

Deposito: «Livraria Popular Portuense» de Antonio J. Fernandes, 44, Largo dos Loyos, 45, Porto, e em todas as livrarias.

NOVIDADE

—

PORTUGAL E BRAZIL

Apontamentos para a historia do nosso conflicto com a Republica dos Estados Unidos do Brazil

POR

AUGUSTO FORJAZ

Este livro torna-se necessario a todos que quizerem saber dos factos occorridos no Rio de Janeiro e Buenos-Ayres durante a permanencia alli das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, do procedimento dos officiaes da armada Augusto de Castilho e Francisco Oliver, e de tudo quanto se relaciona com o processo d'estes officiaes.

São, entre outros, documentos elucidativos d'este livro, correspondencias de Buenos-Ayres, commentarios dos jornaes *Siècle*, *Matin*, *Economista*, *Seculo*, *Tarde* e *O Paiz*—manifesto de Saldanha da Gama—Cartas authenticas de Augusto de Castilho e Visconde da Ribeira Brava—Artigos de Rodrigues de Freitas e Conselheiro Martens Ferrão e a «Desaffronta», opinião do governo brazileiro.

PREÇO 200 RÉIS

A' venda nas principaes livrarias e kiosques de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.

Remette-se um exemplar a quem mandar pelo correio em estampilhas 220 réis a Castro & Irmão, Rua do Marechal Saldanha, 31-33.—LISBOA.

CONTRA MILDIO E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

A melhor preparação cuprica para formar com a calda bordaleza o tratamento da mais segura efficacia contra os ataques do Mildio por mais violentos que sejam, tornando inutil o emprego do enxofre simples, como provam á evidencia differentes documentos e um folheto contendo indicações praticas indispensaveis para este tratamento absolutamente efficaz e estampas demonstrativas, o qual se offerece gratis a quem o pedir

SULFATO DE COBRE

DE PUREZA GARANTIDA

PULVERIZADORES

Dos melhores auctores de 8$000, 9$000 10$000 réis.

Pedidos á Companhia Portugueza Hygiene; Fabrica a vapor Campo Pequeno, 17, escriptorio, Rocio, 59, 1.°.

COMMISSÃO REVISORA DE PAUTAS ADUANEIRAS

POR ordem superior se annuncia que durante o praso de trinta dias, a contar da data do presente annuncio, se recebem na secretaria do conselho superior do serviço technico aduaneiro, (edificio do Terreiro do Trigo) quaesquer reclamações que o commercio, a industria e a agricultura julguem dever fazer ácerca da proposta de pauta aduaneira apresentada em sessão da camara dos senhores deputados de 29 de outubro do anno proximo findo, e publicada no *Diario do Governo* n.° 247 de 30 do mesmo mez e anno.

Sala das sessões da commissão em 8 de fevereiro de 1895.

A. C. Ferreira de Mesquita.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, pago 10$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.° andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating,
Pós de Keating.
Pós de Keating.

FERRO QUEVENNE Unico *approvado* pela *Academia de Medicina de Paris*. Cura **Anemia, Pobreza** do **Sangue, Perdas, Dores** de **Estomago.**—50 annos de successo. *Exigir em cada frasco de Ferro Quevenne a assig. da* "UNION des FABRICANTS", 14, r. Beaux-Arts, Paris.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0 1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypospho.sphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arsenia de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modele Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

ASTHMA E CATARRHO CURADOS pelos CIGARROS ou POS **ESPIC** OPPRESSÕES, TOSSE, DEFLUXOS NEVRALGIAS. Todas Pharmacias, 2 f. a Caixa. — Venda em grosso: 20, rue Saint-Lazare, Paris. *EXIGIR a assignatura aqui exarada em cada Cigarro.* MEDALHA DE OURO. — FÓRA CONCURSO

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.